





Margarete Verónica Soares Casquinha da Silva

## A Influência do Turismo no Desenvolvimento Local do Concelho da Sertã

Trabalho de projeto/Relatório de Estágio em Turismo de Interior – Educação para a  
Sustentabilidade apresentada ao Departamento de Comunicação e Ciências  
Empresariais da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de  
Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutor(a) Adília Cabral

Arguente: Prof. Doutor(a) Nuno Carvalho

Orientadora: Prof. Doutor(a) Andreia Moura

Setembro, 2018



## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe e ao meu irmão, pelo apoio e o incentivo que me deram ao longo da vida. Ao meu pai, que me deixou o legado de estudar.

Aos meus filhos, Mariana, Pedro, Leonor e Fausto e ao meu marido, Pedro Martins, por serem o mais precioso que tenho na vida e por tantas vezes abdicar de estar com eles para redigir a minha tese.

Aos meus sobrinhos, Bruna, Filipa e Guilherme, por serem parte de mim.

Aos meus sogros, Maria Emília e Vítor, por serem os meus segundos pais.

Aos meus amigos, que há tantos anos me apoiam incondicionalmente e fazem da minha vida um lugar melhor.

À minha orientadora, Andreia Moura, por se dedicar e por esclarecer tantas das minhas dúvidas, por me orientar e apoiar num percurso direcionado e objetivo.

À equipa onde integrei o meu estágio, por me acarinharem e ouvirem o meu parecer.



## A Influência do Turismo no Desenvolvimento Local do Concelho da Sertã

### RESUMO

É sabido que em destinos de interior várias são as oportunidades e vários são os desafios. A presente dissertação assenta, fundamentalmente, na influência, como atividade económica e social, que o turismo detém no desenvolvimento local nestas regiões. O estágio curricular e estudo empírico realizados incidiram no município da Sertã, sendo o seu principal objetivo avaliar o desenvolvimento local efetivo do concelho, através do seu envolvimento na atividade turística. Para atingir esse objetivo utilizou-se uma metodologia qualitativa, assente na aplicação de entrevistas semiestruturadas a operadores turísticos locais e a responsáveis do poder local, complementada pela observação direta por meio do estágio curricular efetuado e pela aprofundada revisão da literatura realizada. Os resultados apurados permitiram concluir que o turismo no concelho da Sertã deve promover toda uma prática consciente e dotada de objetivos devidamente planeados e em conformidade com o local onde se insere e deve estabelecer um equilíbrio entre as partes e o todo, numa máxima sustentável.

**Palavras-chave:** Turismo de Interior; Desenvolvimento Local; Sustentabilidade; Município da Sertã

## The Influence of Tourism on Local Development of the Municipality of Sertã

### **ABSTRACT:**

Portuguese interior destinations have specific challenges and opportunities. This thesis analysis the influence that tourism, as an economic and social activity, has on the development of this type of region. The internship and empirical analysis were made in the Municipality of Sertã and their main goal was to assess the local development in its relation to tourism activities. For this, a qualitative methodology was developed, which was based on applying semi-structured interviews to local tourist operators and local government representatives, complemented by direct observation in the context of the internship. Through this approach it was possible to find that tourism in Sertã should promote a conscious and carefully planned praxis, in conformity with the place where it is being developed and striking balances between the parts and the whole, in a sustainable way.

**Keywords:** Interior tourism; Local development; Sustainability; Municipality of Sertã

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS</b> .....	VIII
<b>LISTA DE TABELAS E FIGURAS</b> .....	IX
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	2
<b>CAPÍTULO I - DESAFIOS E OPORTUNIDADES EM DESTINOS TURÍSTICOS DE INTERIOR</b>	
I.1 - O turismo de interior e o desenvolvimento local sustentável .....	10
I.2 - A importância da agenda 21 local para o turismo de interior.....	17
I.3 – A relevância do turismo cultural em destinos de interior.....	23
<b>CAPÍTULO II - CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO ESTÁGIO CURRICULAR NA CÂMARA MUNICIPAL DA SERTÃ</b>	
II.1. Caracterização da entidade de estágio.....	31
1.1 Organigrama descritivo.....	31
1.2 Agenda 21 e planos de ação.....	32
II.2. Descrição das atividades desenvolvidas ao longo do estágio.....	33
II.3. Análise crítica do estágio.....	35
<b>CAPÍTULO III – O TURISMO DE INTERIOR NO CONCELHO DA SERTÃ</b>	
III.1. Caracterização da atividade turística – Sertã.....	41

1.2. Sertã como destino turístico.....	
1.2.1 Caraterização geográfica.....	44
1.2.2 Caraterização populacional.....	45
1.2.3 Recursos e atrações turísticas.....	46
1.2.4 Caraterização de serviços turísticos.....	47
1.2.5 Acessibilidades.....	47
1.2.6 Caraterização da procura turística.....	48
III.2. Análise SWOT do turismo no concelho da Sertã.....	48
III.3. Estudo empírico: A influência do turismo no desenvolvimento local do concelho da Sertã.....	52
3.1. Metodologia.....	53
3.2. Recolha de dados.....	53
3.3- Amostra e população-alvo.....	54
3.4. Apresentação de resultados.....	56
3.5. Discussão de resultados.....	63
III.4 Sugestões e propostas de melhoria.....	71
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>78</b>
<b>ANEXOS</b>	
Anexo I - Mapa de Portugal – relação de distâncias – Sertã/principais cidades.....	90
Anexo II - Distância e tempo necessário para deslocação à Sertã de algumas regiões de Portugal e Espanha.....	91

Anexo III - Gráficos de Informação Turística.....	92
Anexo IV – A Lenda da Celinda.....	93

## **APÊNDICES**

Apêndice I - Capacidade de alojamento - concelho da Sertã.....	95
Apêndice II – Guião de Entrevista.....	96
Apêndice III – Entrevistas.....	97

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS**

DL (Desenvolvimento Local)

C.M.S. (Câmara Municipal da Sertã).

I.D.H (Índice de Desenvolvimento Humano).

O.N.U (Organização das Nações Unidas)

O.N.G (Organização Não Governamental).

S.A.E.R (Sociedade de Avaliação Estratégica e Risco, Lda).

W.C.E.D (World Commission on Environment and Development - Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento)

NUTS III (Nomenclatura de Unidade Territorial para Fins Estatísticos)

PDM (Plano Diretor Municipal)

ADXISTUR (Agência Para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto)

PDT (Plano de Desenvolvimento Turístico do Concelho da Sertã)

## **LISTA DE TABELAS E FIGURAS**

### ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do concelho da Sertã.....	45
Figura 2: Análise SWOT do concelho da Sertã.....	51

### ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Caraterização da amostra (Operadores Turísticos).....	55
Tabela 2: Caraterização da amostra (Representantes do Poder Local).....	55
Tabela 3: Sugestões e propostas de melhoria.....	72





## INTRODUÇÃO

O presente trabalho enquadra-se no mestrado em Turismo de Interior - Educação para a Sustentabilidade, ministrado na Escola Superior de Educação de Coimbra. Assenta, na prática de um estágio curricular no Município da Sertã, no departamento de Turismo e tem como principal objetivo estudar o turismo no concelho da Sertã, como atividade que visa o desenvolvimento local, numa perspetiva sustentável.

O turismo é a atividade responsável por uma grande percentagem do produto interno bruto mundial, um sector que promove milhões de postos de trabalho e que é gerador de variados tipos de produtos e serviços podendo colocar-se num patamar elevado na crescente economia mundial. É certo que o turismo gera elevados níveis de rendimentos e investimentos, porém, é uma boa gestão dos recursos patrimoniais, culturais e naturais, e o domínio da sua conservação e preservação, que mantêm um desenvolvimento turístico equilibrado e sustentável. Ou seja, o sucesso de um destino só será alcançável, garantindo a harmonização da natureza com o Homem e sustentando a melhoria da qualidade de vida das populações, no presente e para o futuro. Deste modo, há uma forte razão para repensar o turismo no âmbito do desenvolvimento sustentável. Por outro lado, os territórios de interior vivem tempos difíceis. As diversas causas de desertificação abalam, atualmente, de uma forma significativa, destinos de interior, motivando o abandono, descuido e, conseqüentemente, a sua descaraterização natural, cultural e tradicional. Assim sendo, “a principal forma de contrair o declínio demográfico das regiões de baixa densidade é através de políticas de atração da população” (Wolf, 2013:56).

O turismo poderá contribuir para a minimização desta tendência na medida em que é o sector capaz de gerar um grande efeito multiplicador, assumindo-se como motor socioeconómico e ambiental. A criação de sinergias positivas entre concelhos de interior, que partilham estes problemas, como no caso da Sertã, parece a melhor opção para colmatar as dificuldades tendo em vista o desenvolvimento local. Um relacionamento mais próximo, uma eventual estrutura em rede, poderá resultar em melhorias gratificantes para estes territórios, de modo a que todos os atores participem e beneficiem de forma equitativa da atividade turística.

Neste contexto, foi possível estabelecer dois objetivos específicos para este trabalho: a) adquirir conhecimentos aprofundados acerca do funcionamento interno do departamento de turismo do município da Sertã e assimilar as suas funções; b) compreender a articulação das políticas municipais tendo em vista o desenvolvimento turístico.

Para dar resposta aos objetivos definidos, utilizou-se um estudo empírico apoiado numa metodologia de investigação baseada numa análise de conteúdo de método qualitativo. A técnica de recolha de dados assentou na entrevista semiestruturada, sendo a população-alvo do estudo, os operadores turísticos das seguintes áreas de atividade: Restauração, Unidades Hoteleiras e Empresas de Animação Turística e os órgãos de tomada de decisão ao nível local, designadamente alguns dos representantes do Município da Sertã.

A presente dissertação organiza-se em três capítulos: Capítulo I- Desafios e oportunidades em destinos turísticos de interior; Capítulo II- Caracterização e análise do estágio curricular na Câmara Municipal da Sertã; Capítulo III- O turismo de interior no concelho da Sertã.

No capítulo I, com base na revisão da literatura, reflete-se acerca dos desafios e oportunidades que se apresentam aos destinos de interior, designadamente, sobre a relação entre o turismo de interior e o desenvolvimento local sustentável, a importância da implementação da Agenda 21 local e a relevância que o turismo cultural pode ter nestes territórios.

No capítulo II será feita uma caracterização da entidade de estágio, uma descrição das atividades desenvolvidas durante o estágio e, por fim, sucederá, uma análise crítica de todo o trabalho desenvolvido com base na experiência obtida.

No capítulo III, analisar-se-á a relação do turismo de interior no concelho da Sertã com o desenvolvimento local. A exposição da atividade turística do concelho e a explanação de impactos por ela causados são discutidos com base na realização de um estudo empírico. Com base nos resultados apurados apresentam-se sugestões e

propostas de melhoria para colmatar deficiências encontradas. Por fim, explanar-se-ão as principais conclusões de todo o trabalho desenvolvido.



## **CAPÍTULO I**

### **DESAFIOS E OPORTUNIDADES EM DESTINOS TURÍSTICOS DE INTERIOR**



## **DESAFIOS E OPORTUNIDADES EM DESTINOS TURÍSTICOS DE INTERIOR**

De uma forma muito abrangente, turismo de interior é todo aquele que é praticado para além dos limites de destinos do litoral e com motivação distinta da habitual. O incremento do turismo nestas regiões, para os poderes públicos, é justificado pela alternativa da procura do novo turista. Ao invés dos comuns destinos “sol e praia” e “cidades”, as novas tendências da procura vêm dar “passo à descoberta de elementos de atração turística em regiões do interior (Ribeiro, 2001). Com isto, pode-se afirmar que o turista de interior procura novas experiências e a motivação da sua visita assenta frequentemente, no contacto com a natureza e com a cultura endógena do lugar.

Vários são os desafios e diversas as oportunidades que daqui resultam. Segundo Kastenholtz, Eusébio, Figueiredo, Carneiro e Lima (2014: 53) o processo de desenvolvimento de áreas rurais prende-se essencialmente pelo “equilíbrio adequado entre a utilização dos recursos (naturais e culturais) e o progresso económico, social, cultural e tecnológico”.

Ora, aqui surge a questão que desafia os trâmites dos destinos de interior. A necessidade de executar ações devidamente planeadas, fomentando as boas práticas para a implementação de objetivos a concretizar, em muito recai na harmonização entre o desenvolvimento e o meio ambiente e social. Os destinos de interior requerem uma estratégia turística muito própria e possuem, na maioria, uma imensa relação com a natureza e sua preservação e com as comunidades locais e sua concertação, perpetuando assim, uma dependência entre o Homem, como Ser social e o meio natural.

No primeiro ponto deste capítulo será estabelecida, após breve contextualização histórica, uma relação entre turismo de interior e o desenvolvimento local sustentável. No segundo ponto estará destacado o papel da governança e a importância da implementação e concretização da Agenda 21 local. No terceiro

ponto será definido o conceito de turismo cultural e fundamentada a sua importância em destinos de interior.

É importante salientar que em relação a destinos de interior, Ribeiro (2001:321), afirma que “o turismo aparece mesmo como um dos mais senão mesmo o mais, importante instrumento de multiplicação de oportunidades empresariais”.

## **I.1 O TURISMO DE INTERIOR E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em 1945, surge a Organização das Nações Unidas (ONU), inicialmente com 51 países. Organização, cuja finalidade incidia na preservação da paz no mundo e pela melhoria dos níveis de qualidade de vida, criando assim, condições para um dito desenvolvimento (Oliveira, 2002). Até à década de 60, ser “desenvolvido” era um fator intimamente económico e quanto mais um país produzisse, maior era o seu desenvolvimento. Com a crescente produção industrial, os países mais industrializados estariam no ranking dos mais desenvolvidos.

De um modo geral e fazendo uma breve contextualização histórica da problemática do desenvolvimento, é necessário referir que o modelo Fordista (Henry Ford) com a lógica do consumo de massa e o padrão de organização das sociedades industriais – modelo funcionalista - deu origem a uma crise na década de 60, por se verificar uma desmesurada globalização, provocando assim, a sua insustentabilidade enquanto modelo económico/social (Rita & Mergulhão, 1997; Amaro, 2004; Reis, 2012).

A noção de que este último modelo, assente no consumo de massa, era insustentável e que estava a falhar, tornou necessário a formulação de um novo paradigma: O Territorialista. Este último “propõe uma visão do desenvolvimento fundamentada na plena mobilização do capital endógeno” (Rita & Mergulhão. 1997: 37). Isto é, para Santos (2011: 6) de acordo com Bassand e Guindani (1981) recai na:

importância da mobilização das energias sociais, numa dinâmica em que a intensificação relacional e de pertença social não institucionais constituem, igualmente, modos estruturantes do evoluir social. Nesse âmbito, são valorizados os padrões culturais locais, como, a título exemplificativo, a existência de laços comunitários e o espírito associativo, considerados de significativa importância para atingir os objectivos propostos.

O modelo territorialista foi tomando lugar como o novo paradigma a adotar, por demonstrar que crescimento económico não é sinónimo de desenvolvimento (Silva, 1982 cit in Rita & Mergulhão, 1997).

Ainda na década de 60, mais precisamente, 1962, surge o primeiro movimento ambientalista no mundo com o livro *Silent Spring* de Rachel Carson, livro que colocava a indústria como destruidora do meio ambiente e comprometedor de um futuro saudável e diverso, determinando o Homem como responsável por permitir tais descuidos.

No início da década de 70, novos modelos emergiam, o conceito de desenvolvimento comunitário surge e em Portugal, “algumas das experiências que ainda hoje são referenciadas por desenvolvimento local são filhas dessa versão de desenvolvimento comunitário, cujas metodologias estão conhecidas desde essa altura”(Amaro, 2001:161).

Para Amaro (2004:20) no quadro de desenvolvimento surgem dois conceitos intimamente ligados, o de Desenvolvimento Local e de Desenvolvimento Participativo:

Desenvolvimento Local exprime o processo de satisfação de necessidades e de melhoria das condições de vida de uma comunidade local, a partir essencialmente das suas capacidades, assumindo aquela o protagonismo principal desse processo e segundo uma perspetiva integrada dos problemas e das respostas.

Desenvolvimento Participativo ocorre na adoção de uma metodologia participativa nos processos de mudança e de melhoria das condições de vida das populações, desde a conceção e decisão à avaliação, passando pela execução, direção e acompanhamento, implicando a afirmação plena da cidadania, nos seus direitos e deveres.

Em Portugal a perspetiva dominante durante largas décadas foi a de desenvolvimento funcionalista, que assenta sobretudo no crescimento económico e que versa essencialmente em alguns setores económicos e/ou em áreas geográficas bem específicas. Nos finais dos anos 90 as políticas fundamentadas nesse paradigma foram alvo de muitas críticas e estão bem evidentes as suas consequências

desastrosas. Como tal, destaca-se a litoralização das atividades económicas, sobretudo a sua concentração nas áreas de influência de Lisboa e Porto, levando a uma desvitalização das regiões do interior, que já por si, corroboram de localização geográfica adversa, do problema demográfico e escassos investimentos. (Rita & Mergulhão. 1997).

Neste seguimento e para colmatar o subdesenvolvimento das regiões do interior, foi adaptado um processo de modernização destas sociedades e definiu-se uma visão orientada na mobilização do capital endógeno e na valorização das características próprias de cada região, invertendo as suas ameaças em oportunidades, ou seja, considerando genuínos e únicos, os seus atributos locais e regionais, tendo em vista, a melhoria da qualidade de vida.

A noção de sustentabilidade tem vindo a reforçar-se ao longo das décadas e o desenvolvimento sustentável emerge como prática aplicável e imprescindível no mundo global, definido no relatório de Brundtland como “aquele que satisfaz as necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades” (Carvalho, 2009, cit. in W.C.E.D. [1987] (1991).

Para complementar toda esta revolução no conceito de desenvolvimento, é de referir que no início da década de 90, o programa das Nações Unidas lança o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), onde é classificado o nível de desenvolvimento económico e o nível da qualidade de vida de determinada população (saúde, educação, economia, entre outros), atribuindo maior destaque à riqueza das vidas humanas. Ano após ano este conceito tem vindo a ser acrescentado por novos elementos, “alguns dos quais são perfeitamente próximos e simultâneos com as expressões do desenvolvimento local” (Amaro, 2001: 162). Sendo de salientar, que a este último, advêm ações e estratégias que promovem todos os pilares da sustentabilidade e numa vertente setorial, estabelecem o equilíbrio entre as mesmas numa harmonização ideal.

Considerando este novo conceito de desenvolvimento, que tem como base a abolição da pobreza no mundo (Amaro, 2001) é necessário definir que este pode “ser

entendido como o princípio estruturador de um processo de desenvolvimento que se centra na igualdade social, na eficiência económica, na diversidade cultural e na proteção e conservação do meio ambiente” (Almeida & Abranja. 2009:17).

Partindo o desenvolvimento sustentável de uma nova perspetiva de desenvolvimento e tendo eminente o crescimento de atividades económicas e da população, é pertinente escorar a preservação do meio ambiente, na conservação e organização dos recursos de forma a que, a sua exploração não exceda o seu limite (Carvalho, 2009). Esta relação em muito depende dos modelos de desenvolvimento e da dinâmica de cada ecossistema.

Prende-se, a este novo modelo, a capacidade de alterar mentalidades e é nesta premissa que todo o processo se desenrola, sendo urgente educar para a aplicabilidade da noção de sustentabilidade. Este modelo é compreendido como “sendo uma estrutura conceptual que serve de orientação para que ocorra uma alteração da visão atual do mundo para uma visão mais holística e equilibrada” (Kastenholz et al, 2014 : 53)

Estando a atividade turística intimamente relacionada e dependente do meio ambiente, deve, por princípio, zelar pela preservação deste, numa ótica futurista. É também esta atividade, um verdadeiro e importante veículo para o desenvolvimento, quer global, quer regional, quer local. Segundo Figueira & Dias (2011):

o turismo é uma atividade económica e social que ocorre através da deslocação temporária de pessoas para fora do seu ambiente habitual e que, por diversos motivos, chegam a um lugar de destino onde realizam vários atos particulares de consumo que provocam um efeito multiplicador em toda a economia local.

Numa contextualização histórica, o turismo surge com os primeiros sinais de crescimento industrial, no século XVII, e com o aumento da riqueza e da secularização da educação, germinando o estímulo por conhecer novas culturas e tradições, atribuindo-se grau educativo ao conceito de viajar. Porém, é após a Segunda Guerra Mundial que evolui enquanto atividade produtiva de bens e serviços e que se alia à qualidade de vida e poder de compra, resultante da restauração da paz

no mundo. O Turismo renasce e surge com características de “massa” e até aos dias de hoje o seu desenvolvimento tem sido evolutivo, sendo uma atividade que abarca um volume considerável de infraestruturas, de dinâmicas sociais, económicas, ambientais e de domínios tecnológicos e organizacionais de cariz multifuncional (Cisne & Gastal, 2010)

Contudo, toda esta dinâmica multifacetada acarreta consigo progresso e conflito, determinando à humanidade o papel de mediador e controlador desta ambivalente associação, fundamentalmente, no que diz respeito à natureza enquanto recurso finito.

A aceleração da produção em massa e o fator globalização em muito contribuíram para um desgaste dos recursos naturais e para uma degradação da fauna e da flora mundial, causa que outrora parecia abafada, mas que na atualidade é motivo primário de preocupação, fazendo parte de uma consciência coletiva e significativa, “todavia, não existe uma ética que se ocupe das relações do homem com a terra e com os animais e plantas que nela crescem” (Carvalho, 2007: 12).

Na sociedade contemporânea a questão central assenta na natureza e na sua conservação, como recurso limitado e irreversível. Os danos causados hoje são catástrofes amanhã e é certo que “as crises ecológicas têm uma profunda relação com as crises sociais” (Carvalho, 2007: 9).

Considerando que o turismo causa desenvolvimento e que este apresenta várias dimensões e que devem estas, harmonizar-se num equilíbrio pertinaz e consistente, nunca beneficiando uma em detrimento de outra, reforçando o seu cariz equitativo, poderá afirmar-se que se trata de um sector merecedor de estudo e reflexão. De acordo com os estudos realizados por Figueira e Dias (2001) e Scótolto e Netto (2014) em termos de impactes, a atividade turística tem duas vertentes, podendo assumir-se como ambivalente. Se por um lado oferece uma gama de possibilidades ligadas ao bem-estar e ao desenvolvimento económico, por outro, pode comprometer os recursos naturais e o meio ambiente, a cultura local e as atividades económicas tradicionais, provocando assim, um efeito não desejado.

Atualmente, Kastenholz et al. (2014) afirmam que, uma das preocupações ao nível mundial cai sobre a temática do desenvolvimento sustentável e Sachs (1990) citado por Carvalho (2009) defende que na nova perspectiva de desenvolvimento se destacam duas solidariedades, a *sincrónica*, com as gerações presentes e a *diacrónica*, com as gerações futuras. Ou seja, as oportunidades não devem ser desiguais na sociedade e deve-se trabalhar um presente positivo na máxima de um futuro promissor.

Neste contexto, verifica-se que o conceito de desenvolvimento sustentável é muito abrangente e para Tavares (2009:8):

Com as alterações do contexto económico e político global, e a par das preocupações económicas e sociais, surge a necessidade de ter em conta aspetos ambientais em todas as demais políticas, contribuindo para um desenvolvimento continuado de todas as atividades humanas atendendo ao ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e culturalmente aceite.

Assim, por meio desta combinação, surge o conceito de turismo sustentável, que visa o ajuste adequado do número e tipo de visitantes “bem como o efeito da atividade por eles gerada no destino e dos serviços oferecidos pelas empresas locais, de forma a que se possa manter no futuro a qualidade do ambiente em que aquelas atividades se baseiam” (Careto & Lima, 2006: 50).

Deste modo, é fundamental considerar que o desenvolvimento sustentável é um processo de mudança que, “permite o desenvolvimento sem prejudicar ou esgotar os recursos que o tornam possível, garantindo a manutenção integrada dos processos ecológicos, socioculturais, económicos e da governança” (Careto & Lima, 2006:48) - vertente que saiu reforçada da Conferência de Joanesburgo (Rio + 10), em 2002, colocando o papel da governança como garantia para a existência de uma equidade social e, portanto, de um desenvolvimento local efetivo.

Como Rogério Roque Amaro (2004: 67) afirmou “tudo está em aberto e só o caminho da construção coletiva do conhecimento e as práticas (do desenvolvimento,

por exemplo), envolvendo todos os atores (mesmo os que tradicionalmente a ciência desprezou e deixou de fora) nos poderá balizar as armadilhas a evitar”.

Do conceito de desenvolvimento sustentável advém o conceito de desenvolvimento local sustentável, associado normalmente “a iniciativas inovadoras e mobilizadoras da coletividade, articulando as potencialidades locais com as condições dadas pelo contexto” (Carvalho, 2009: 81). Para Figueira e Dias (2001:32) a atividade turística “é aquela que tem as melhores condições para gerar o desenvolvimento sustentável” sendo que devem ter como condição fundamental “a realização de planeamento e de uma monitorização permanente da atividade” por referirem que:

O turismo tem a particularidade de maximizar o aproveitamento dos recursos locais que podem ser comercializados, sem serem extraídos e levados pelos consumidores o que significa que, se bem administrados, os atrativos tornam-se permanentes e sujeitos apenas à diversificação do interesse dos visitantes, não se esgotando pelo consumo.

Segundo Tavares (2009: 8) o desenvolvimento sustentável exige uma abordagem integrada, sendo que as autoridades nacionais e regionais devem auxiliar os municípios a atingir uma “gestão mais integrada ao nível local”. É de salientar que, para Reis (2012: 156), em todas as regiões de interior do país que continuam num processo crescente de despovoamento, o desenvolvimento local serve de “fonte de esperança” para contrariar essa tendência.

Em suma, é claro que, o desenvolvimento local é um processo que gere e redefine oportunidades e ameaças dentro do seu carácter transformativo e que embora ocorra num determinado local pode sofrer influências externas de ordem política, económica e social. Não obstante, é no cerne da comunidade que se deve encetar toda a articulação de recursos e atores locais, desencadeando uma visão participativa e cooperativa. É na mobilização e aproveitamento dos recursos locais que se promovem novas práticas, numa dinâmica de viabilidade política e transversal como resposta a um processo de transformação e mudança, fomentando a democracia, assegurando a solidariedade e equidade social e garantindo a conservação dos recursos naturais e o controlo dos impactos nele provocados (Carvalho, 2009). Com

um desenvolvimento local efetivo, pode ampliar-se o mercado de trabalho e na perspectiva de novos postos de trabalho, combater o problema demográfico da desertificação. Desta maneira, para que o turismo atue tendo em vista o desenvolvimento local numa perspectiva de sustentabilidade é fundamental a compreensão e concretização da Agenda 21 Local.

## **I.2 A AGENDA 21 LOCAL**

A Agenda 21 Local é um instrumento estratégico que visa a implementação do desenvolvimento local sustentável ao nível municipal. Surge no âmbito da denominada Cimeira da Terra ou Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, em 1992, no Rio de Janeiro, com o propósito de promover uma sustentabilidade global, “pensar globalmente, agir localmente”. Esta iniciativa impulsionou uma tomada de consciência ambiental global, elaborando-se um documento orientador, a Agenda 21, que estabelece as regras necessárias ao bom funcionamento do ecossistema e à preservação do meio natural, como bem único e universal.

A Agenda 21 é, portanto, um Plano de Ação que envolve vários grupos de atores, tendo como principais objetivos a viabilidade económica, a proteção do ambiente e o progresso das condições de vida das populações. É um processo que visa a participação autárquica em parceria com todos os setores da sociedade com o propósito de tornar sustentável o desenvolvimento local e de tornar viável a sua implementação. Este documento foi assinado por quase todos os países do mundo e “visa promover o desenvolvimento sustentável do planeta” (Carvalho, 2009: 90).

Neste contexto destaca-se o Capítulo 28 da Agenda 21 que apela às autoridades locais que desenvolvam um processo consultivo e consensual com as suas

populações na criação de uma Agenda 21 local, tendo como base para a ação a seguinte afirmação:

Devido ao facto de muitos problemas e soluções abordados na Agenda 21 terem as suas raízes em atividades locais, torna-se um fator determinante para o cumprimento dos seus objetivos a participação e cooperação dos poderes locais. Os poderes locais criam, dirigem e mantêm infra-estruturas económicas, sociais e ambientais, supervisionam processos de planeamento, estabelecem políticas e normas de ambiente locais e participam na implementação nacional e sub-nacional de políticas ecológicas. Como nível de governação mais próximo das pessoas, eles desempenham um papel vital na educação, mobilizando e respondendo ao público para promover o desenvolvimento sustentável. (Agenda 21, Capítulo 28, 1992 cit. in Tavares, 2009: 9).

Para Tavares (2009: 13) a Agenda 21 local “não deve ser entendida como um plano estritamente ambiental, trata-se de uma estratégia integrada, consistente, que procura o bem-estar social melhorando a qualidade do ambiente”.

Sendo a Agenda 21 Local um plano de ação que abarca todos os pilares da sustentabilidade, que se categorizam em várias secções, donde sobressaem, as dimensões sociais e económicas, a conservação e gestão de recursos, o reforço dos papéis dos principais grupos sociais (ONG) e, por fim, os mecanismos jurídicos e financeiros para os meios de implementação de projetos e programas, podendo-se afirmar que “o nível de governação local ganha uma importância acrescida pela proximidade dos problemas e das populações envolvidas” (Carvalho, 2009).

As técnicas de Governança são fator decisivo para uma correta implementação, carecendo do princípio de Planeamento (ato de planear) e de democratização para aumentar a sua eficiência e para:

Garantir a articulação dos interesses dos cidadãos no exercício dos seus direitos legais e obrigações fundamentais através dos mecanismos, processos e instituições ao seu alcance para o efeito, que permitem a participação, a transparência e a responsabilidade, num processo que assegura o acesso à justiça a todos os cidadãos e a equidade social (Careto & Lima, 2006: 48).

Segundo Nuno Carvalho (2009) a agenda 21 local tem sido instrumento base em várias autarquias do mundo e a visão de planear e garantir uma dinâmica sustentável tem em muito, contribuído para um desenvolvimento exequível e promotor das suas localidades. Em Portugal, a adesão tem sido lenta, porém, progressiva. A agenda 21, dividida em quatro secções atrás descritas, abarca os três pilares da sustentabilidade, a Dimensão económica, a Dimensão ecológica e a Dimensão social;

Os princípios da Agenda 21 local sugerem uma mudança, fundamentalmente, ao nível do planeamento, por exigir uma abordagem contextualizada, abrangente e inovadora; ao nível da democratização, por desafiar “todos os trâmites de participação pública” (Carvalho, 2009: 91), contribuindo para a qualidade da decisão e fomentando a responsabilidade partilhada na definição de problemas e prioridades (Nave & Schmidt, 2004, cit in Carvalho 2009). Numa reflexão sobre as consequências da implementação deste processo de ação que comporta a Agenda 21 local, Tavares (2009: 10) afirma que “agindo localmente obtêm-se efeitos positivos diretos na qualidade de vida das populações que habitam e trabalham nessa cidade ou município, contribuindo também para a melhoria das condições globais”. Desta afirmação pode-se apartar o efeito do local refletido no global, isto é, a amplificação das partes para o todo. A determinação política das administrações locais, em especial, dos autarcas, é crucial para viabilizar um projeto de desenvolvimento local por ser o nível de governação mais próximo da população. Nesta ótica, a atuação destes responsáveis é balizada por três ordens de fatores: primeira, adoção de uma orientação estratégica ao nível de ação pública na resolução de problemas relacionados com o ambiente global; segunda, destaque do papel do poder local na estrutura política e nível de governação; terceira, confine a atuação do poder local na área ambiental atribuindo-lhe maior competência nessa matéria (Carvalho, 2009).

Sendo os objetivos do desenvolvimento local sustentável o alcance da melhoria da qualidade de vida e equidade social, o crescimento e eficiência económicos e a conservação e preservação do ambiente - enquanto condicionante da matéria que

propicia a vida - prende-se a necessidade de planejar e monitorizar todo este processo numa perspetiva de concílio e de autossuficiência. Tavares (2009: 10) sublinha que:

Ter consciência dos problemas e das tendências globais, ao nível internacional e planetário, não deve constituir um fator inibidor da ação ao nível local, mas sim um estímulo à atuação das autoridades e outros agentes locais que, estando mais próximos das populações, podem motivar a alteração do conceito de desenvolvimento, dos objetivos de ordenamento do território e gestão urbana, dos comportamentos dos agentes económicos e dos estilos de vida individuais.

O desenvolvimento local sustentável, numa perspetiva territorial e integradora procura potenciar os recursos endógenos envolvendo todos os agentes e atores do processo numa dinâmica participativa e transformativa (Carvalho, 2009). Ou seja, é importante agir em conformidade com todos os agentes envolvidos de modo a criar uma consciência coletiva, empenhada e dedicada ao ato de preservar e conservar.

Determinando que as sociedades contemporâneas procuram o que visa nos objetivos do desenvolvimento local sustentável é perentório afirmar que a sustentabilidade é a palavra do futuro, o vetor para alcançar a harmonia do Homem com o planeta.

Podemos com isto estabelecer uma ligação entre turismo e desenvolvimento local numa perspetiva de sustentabilidade segundo a Confederação do Turismo Português e a Sociedade de Avaliação Estratégica e Risco – SaeR (2005: 533):

O Turismo - e a "constelação de atividades" Turismo - assumem assim uma importância acrescida no desenvolvimento (ou na pior das hipóteses, um contributo indispensável para a viabilidade de algumas atividades) da economia de um território. Configuram-se, assim, como um dos maiores - e estratégicos e, porventura, nalguns casos, estruturantes - setores de atividade económica do século XXI.

O Turismo, tanto no contexto da maioria dos países da União Europeia como em Portugal, “é encarado como uma importante ferramenta de desenvolvimento rural” contribuindo para “a dinamização, diversificação e modernização da produção local” (Reis, 2012: 167).

Nesta relação entre turismo e desenvolvimento local é substancialmente importante referir que o primeiro pode desencadear o segundo num território e este pode ser também, por sua vez, o responsável pela prática da atividade turística nesse mesmo território. Contudo, uma sociedade desenvolvida é regida por metas e objetivos atempadamente delimitados e circunscritos num limite territorial hierarquizado.

Partindo do ponto que o turismo é, para Matias & Sardinha (2008: 205):

encarado como um verdadeiro e importante veículo de desenvolvimento regional, o qual poderá ser objeto de planeamento, pelo menos em parte, pelas entidades da Administração Local, que, em regra, estão quase sempre em vantagem no que diz respeito ao conhecimento de todas as características do produto turístico oferecido, bem como do mercado em que o mesmo se insere.

Deste modo, o desenvolvimento local sustentável ao incorporar a vertente turística é perspetivado como desenvolvimento turístico local e, portanto, avalizado, o seu sucesso e a sua identidade.

É certo de que daqui se aporta o conceito de Turismo Sustentável, ora, é importante praticar um turismo em consonância com o meio ambiente e com os recursos naturais, de forma a articulá-lo com o desenvolvimento económico, social e cultural, numa manutenção sustentável, nunca comprometendo o usufruto em pleno, das futuras gerações. (Ruschmann & Rosa, 2006)

O turismo preconiza a evolução e o progresso, e ao nível das áreas rurais foi a atividade que desencadeou desenvolvimento e avanço, evitando a estagnação e o empobrecimento de determinadas áreas mais desfavorecidas, Reis (2012: 167) refere que:

As estratégias de desenvolvimento dos territórios rurais têm vindo a apontar o Turismo como um dos setores fundamentais para o desenvolvimento de territórios menos favorecidos, pois potencia a sua reconstituição e preservação, contribui para o desenvolvimento da economia local, através da criação de novos empregos, quer na área do Turismo, quer na área das atividades artesanais e proporciona outras fontes complementares de rendimentos.

É importante teorizar um turismo de qualidade tal como praticá-lo. A necessidade de planear a longo prazo deve estar como condição primária no que diz respeito a turismo sustentável e deve, antes de mais, repensar o quadro nacional evitando erros do passado. É urgente cuidar e manter a matéria-prima deste setor: o ambiente e as populações.

A procura turística, exige, cada vez mais, lugares de alta qualidade ambiental e que componham a integração da comunidade local na atividade, no âmbito da distinção das suas características culturais e sociais.

Importante será referenciar que, em 1997, Koffi Annan (Secretário-Geral da ONU) numa sessão para avaliar o progresso em termos mundiais da implementação da Agenda 21, declarou que:

Alguns dos desenvolvimentos mais promissores ocorreram ao nível de cidades e municípios, onde as iniciativas para a Agenda 21 Local têm predominado. (...). Os planos e estratégias de escala local, têm provado, em termos de impactes diretos, serem mais bem-sucedidos do que aqueles a nível nacional. (Kofi Annan cit. in Tavares, 2009: 10)

Pode-se concluir, que a correta implementação da Agenda 21 local, da perspetiva turística, é fundamental para a transmutação de destinos que poderão vir a ser avaliados como casos de boas práticas, ou seja, sabendo à partida que esta implementação não é um processo estático, pois, varia consoante as necessidades do local em que se insere e dos agentes locais envolvidos, deve, antes de mais, traçar um plano de ação a longo prazo e deve estabelecer uma assertiva monitorização (de acordo com o seu território) e com o objetivo de criar comunidades mais sustentáveis (Fonseca, 2014). Com isto, e na lógica da especificidade de cada território, deve traçar-se um percurso de valores identitários e locais “elevando as comunidades no patamar de meras recetoras à condição de criadoras de bens e serviços culturais que lhe são exclusivos e particulares” (Santos, 2011: 13). Portanto, é através da animação das comunidades e dos diversos atores que “as comunidades locais e regionais passam de espectadoras de desenvolvimento a verdadeiras protagonistas do seu

devir” (Santos, 2011: 13). Para tal, a comunidade deve incluir-se na temática do turismo cultural e na preservação do património.

### **I.3 A RELEVÂNCIA DO TURISMO CULTURAL EM DESTINOS DE INTERIOR**

Sendo o turismo uma pulsão acrescida para o desenvolvimento de qualquer território e especificamente, um dos maiores e estratégicos “setores da atividade económica do século XXI” (CTP / SaeR, 2005) é necessário referir que, no caso do turismo cultural, há uma relação entre património e turismo e que a este último se coloca o desafio de “utilizar os recursos patrimoniais numa perspetiva de desenvolvimento durável, assente em critérios de qualidade” (Silva, 2000: 221) de maneira a que, efetivamente, deva garantir a melhoria da qualidade de vida dos todos os cidadãos, desde os que praticam a atividade aos que acolhem a sua prática. No caso do turista cultural é de salientar que este “procura relacionar-se com a comunidade, valorizar a cultura em toda a sua complexidade e singularidade. Ele movimenta-se à procura de ícones que, de certa forma, caracterizam a identidade local /regional e a memória coletiva” (Marujo, 2014:6).

Noémi Marujo (2014: 5), de acordo com Ashworth e Pompl (1993) definem a estrutura da relação entre turismo e cultura em três formas, a) prende-se com a ligação entre o turismo e a arte, sendo esta usada como forma para atrair turistas e dentro das suas multifacetadas feições compõem o chamado produto turístico. Os espetáculos de música, teatro, museus e galerias de arte não só promovem a interculturalidade dos povos como conferem um status diferenciado ao visitante; b) refere-se à relação entre o turismo e o património monumental, sendo esta uma

ligação instituída no património edificado (e a mais ampla das três); c) funde-se entre o turismo e as especificidades do lugar que este compreende, ou seja, em todas as manifestações culturais próprias e genuínas do lugar, no folclore, na gastronomia e seus produtos endógenos. É de salientar que esta última relação, em muito tem promovido as identidades dos lugares e diligenciado o desenvolvimento turístico de muitas localidades. “A atividade turística utiliza a singularidade e as especificidades dos locais como forças principais de atração dos destinos” (Gonçalves, 2009: 82).

Definida a estrutura da relação turismo e cultura e projetada a importância das suas facetas materiais e imateriais é essencial referir que, o turismo cultural subsiste da preservação de todas estas atrações e da sua sustentabilidade.

Fazendo a ligação entre turismo cultural e pensamento sustentável é peremptório afirmar que o primeiro depende da concretização do segundo. Isto é, a importância da sustentabilidade cultural é hoje uma consciência de garantia do futuro da indústria turística, pois, esta “depende da conservação dos recursos ambientais, patrimoniais e culturais de cada região” (Gonçalves, 2009: 79).

Partindo do princípio que o património, na sociedade atual, representa uma autêntica necessidade e que a relação entre este e o turismo se alojou, de forma definitiva, no dia a dia dos indivíduos, coloca-se um último desafio: o “ de utilizar os recursos patrimoniais numa perspetiva de desenvolvimento durável” e que estipulem critérios assertórios, de maneira a causar a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos envolvidos no processo. “Para tal, toda e qualquer intervenção patrimonial deve ser ao nível local, com a participação ativa de todos os agentes culturais” pois, a “ação cultural não pode continuar a conceber-se como um fenómeno isolado dos cidadãos e do próprio cenário no seio do qual se desenvolve” (Silva, 2000:221).

Na carta internacional sobre o turismo cultural de 1999 (ICOMOS, 1999), foram estabelecidas e definidas várias disposições, estado a estas, subjacente, o princípio da sustentabilidade no turismo. A primeira e mais abrangente delas, refere que:

Como o turismo doméstico e internacional estão entre os principais veículos das trocas culturais, a conservação deve proporcionar oportunidades responsáveis e bem geridas para os membros da comunidade residente e para os visitantes experimentarem e compreenderem em primeira mão o património e a cultura dessa comunidade.

Com isto, pode-se concluir que o Turismo em muito participa e contribui para a interculturalidade dos povos e está cada vez mais definido que essa horizontalidade sinérgica deve assentar, numa máxima de conservação e gestão do -produto turístico- bem como, na estrutura da tomada de decisões, garantindo uma articulação correta de todos os agentes envolvidos.

Considerando que o turismo cultural lida com a identidade das sociedades e as diversidades culturais é para Richards (1996) na sua definição conceptual “a saída de pessoas dos seus lugares habituais de residência, para outros lugares com interesse cultural, com a intenção de recolherem a informação e experiências novas que satisfaçam as suas necessidades culturais”.

Desta maneira, pode afirmar-se que a cultura tem vindo a assumir-se cada vez mais nas sociedades como forma de ocupação de tempos livres e tem obtido maior visibilidade pela crescente instrução humana e maior disponibilidade financeira social. Serve como escape nas sociedades contemporâneas e assume uma entidade intrínseca ao ser humano, nas suas diversas vertentes, provoca um motivo de curiosidade que lhe confere sempre alguma distinção.

Elsa Peralta da Silva (2000:218) declara que ao longo das gerações “a cultura flui” e que “nem todos os vestígios do passado podem ser considerados património. O património não é só o legado que, através de uma seleção consciente, um grupo significativo da população deseja legar ao futuro”. Isto é, subjacente à vontade de legar existe uma escolha cultural e uma conceção de posse. Ao longo das gerações, o património cultural tem vindo a reforçar a participação da comunidade como herança. Como Alexandra Gonçalves (2009: 83), citando Phelps (1994) refere, “o turismo com base no património cultural é mais do que a observação da arquitetura, da história ou da natureza”, ou seja, o património cultural de uma localidade pode

abarcando a sua génese das mais variadas formas e “caberá sobretudo a cada local a responsabilidade de apresentar e interpretar o seu património, para o seu público, através dos seus artefactos”.

A inclusão da comunidade local confere valor acrescentado ao produto turístico, isto é, o seu envolvimento no planeamento do projeto de desenvolvimento turístico de determinada localidade, para além de provocar o aumento de orgulho e sentimento de pertença também reduz os possíveis impactes negativos.

Por exemplo, o ecomuseu surge no movimento da nova museologia, que tem subjacente o alargamento do conceito de património museológico, valorizando a ecologia, a etnologia e a etnografia, e que passa a integrar o património imaterial e natural. O ecomuseu tem uma função pedagógica, alargando o conceito de objeto e centralizando o seu tema nos valores de determinada comunidade (Campos, 2006). Como refere António Nabais (1993:47), “os ecomuseus são instituições geradoras de riqueza, na medida em que reabilitam as atividades tradicionais e os sítios históricos, promovem a criatividade e, redescobrem os valores naturais e culturais, valorizando-os em benefício das gentes locais.”

É entendido daqui, que a inclusão da comunidade em formato participativo em muito contribui para o desenvolvimento turístico no âmbito da preservação do seu património cultural.

Como atrás referido, o património cultural pode apresentar-se de inúmeras formas e para o setor do turismo confere sempre o lado educativo e informativo e a atração nasce daqui. Ao longo dos tempos as mais diversas participações culturais provocam deslocamentos de visitantes e para além de causar um registo histórico, causa também uma memória perdurável por várias gerações.

Nos anos 70 do século passado surge em Inglaterra a primeira recriação histórica (Living History), difundindo-se por todo o mundo, chega a Portugal na década de 80. Inicialmente era uma atividade organizada pelos estabelecimentos de ensino ou entidades locais e tinha como primeiro princípio instruir e aproximar o aluno, tornando-o participante na dita recriação (Campos, 2010: 46). Estas recriações, hoje

nomeadas de Feiras medievais, são força importante na caracterização cultural de cada região, por recriar a história outrora acontecida e imortalizar algumas das tradições, típicas de determinado povo ou nação.

Através destas recriações da história, o património material e imaterial encontram-se intimamente ligados e, conseqüentemente, o turismo com o património cultural.

“Não pode existir turismo sem cultura, daí que possamos falar em cultura turística, pois o turismo é uma expressão cultural” (Pérez, 2009 cit in Marujo, 2014). Em destinos de interior, o turismo cultural tem vindo a ser uma força ativa no desenvolvimento sustentável local e regional, calcando iniciativas que assentam na cultura autóctone do lugar, na paisagem envolvente e seus produtos endógenos relacionados. Com isto, parece importante salientar que “o turismo cultural compreende os eventos, as atividades e as experiências culturais; supõe a imersão e/ou a apreciação das áreas, estilos de vida das populações locais e tudo o que lhes confere identidade e carácter” (CTP / SaeR, 2005)

“Os destinos turísticos de maior sucesso são aqueles que conseguem criar uma sinergia positiva entre cultura e turismo” (Richards, 2009: 10), estabelecendo aqui o turismo cultural como, um dos maiores e mais rápidos mercados crescentes, dentro do seu setor, a um nível global.

A necessidade, de preservar e conservar, tomou a importância acrescida nas sociedades e toda esta consciência visa promover a articulação correta entre, o turismo como atividade económica e os princípios da preservação do património. É neste contexto que surgem os parques patrimoniais e novos paradigmas de museu, tais como o ecomuseu (Martins & Costa, 2009: 70).

Em suma, a importância do turismo cultural em destinos de interior, para além de ter uma componente muito dinamizadora e em destinos com significativo património edificado, obter uma força atrativa, pode em muito servir de estratégia de combate à sazonalidade, isto é, contrariar a desastrosa tendência da afluência turística se verificar nos tradicionais meses, junho, julho e agosto. Com a calendarização anual de eventos e atividades culturais numa dinâmica apelativa poder-se-á solucionar esta

última propensão, sempre, numa perspetiva sustentável. A preservação do património material e imaterial, das tradições e dos costumes bem como a redução de impactes negativos são consequências positivas que advêm do turismo cultural. Segundo Elsa Peralta da Silva (2000: 224) para alcançar o desenvolvimento da atividade cultural e turística local deve ser reconhecido aos municípios, a “verdadeira vocação cultural”, sendo que estes devem potenciar a cultura viva e estimular e dinamizar a vida cultural no âmbito da proteção e divulgação do património cultural dos seus territórios. Tal como para Almeida & Abranja (2009: 28) “a sustentabilidade sociocultural é também especialmente importante para o desenvolvimento do turismo regional”, ora, para que esta seja alcançada é necessária a valorização do património cultural, histórico, a preservação dos costumes locais e deve apoiar o incentivo às tradições da cultura popular - incluindo todo o tipo de manifestações artísticas - de modo a garantir a participação dos residentes na proteção deste mesmo património. (Gonçalves, 2009: 84)

## **CAPÍTULO II**

### **CARATERIZAÇÃO E ANÁLISE DO ESTÁGIO CURRICULAR NA CÂMARA MUNICIPAL DA SERTÃ**



## **CARATERIZAÇÃO E ANÁLISE DO ESTÁGIO CURRICULAR NA CÂMARA MUNICIPAL DA SERTÃ**

Neste capítulo será feita uma descrição detalhada de todas as atividades desenvolvidas no âmbito do estágio curricular.

Assim, o capítulo divide-se em três subcapítulos. No primeiro será feita a descrição da entidade de estágio, onde será desenvolvida a caracterização geral do concelho da sertã e a designação do município no Modelo de Estrutura Hierarquizada e devida caracterização do departamento onde se insere o estágio. No segundo serão expostas, as atividades desenvolvidas ao longo do estágio e no terceiro realizar-se-á uma análise crítica do trabalho desenvolvido, fomentada na aprendizagem adquirida e nas condições modeladas pela entidade acolhedora.

### **II. 1 Caracterização da entidade de estágio**

A entidade de estágio é designada por Município da Sertã, o estágio desenvolve-se na divisão da Cultura, Desporto e Turismo. Esta divisão divide-se em três setores – Cultura, Desporto e Turismo. O estágio decorre no setor do Turismo com participação no setor da Cultura.

A superintendência e coordenação geral dos serviços municipais competem ao Senhor Presidente da Câmara Municipal, José Farinha Nunes.

No Modelo de Estrutura Hierarquizada constituem-se 4 Unidades orgânicas Nucleares, 6 Unidades Orgânicas Flexíveis e 26 subunidades Orgânicas, de acordo com o Organograma descritivo que se apresenta de seguida.

#### **1.1 Organigrama descritivo**

Na Unidade Orgânica Nuclear do Gabinete Integrado dos Serviços da Presidência podem apontar-se a Unidade Orgânica Flexível, donde se destacam o Gabinete

Florestal, o Gabinete de Comunicação e Relações Públicas, o Gabinete Jurídico e o Gabinete de Sistemas de Informação e Novas Tecnologias. Compõe, no serviço enquadrado por legislação específica, o Gabinete de Apoio e Relações externas, o Serviço Municipal de Proteção Civil e Médico Veterinário Municipal.

Ainda na Unidade Orgânica Nuclear pauta-se o Gabinete de Administração e Finanças, o Departamento de obras Municipais e Ambiente e os Serviços de Fiscalização Municipal. Ao mesmo nível hierárquico encontra-se como Unidade Orgânica Flexível, a Divisão da Educação e Ação Social e a Divisão da Cultura, Desporto e Turismo (CMS, 2018).

## **1.2 Agenda 21 e planos de ação**

O Município dispõe de uma Agenda 21 Local desde março de 2004 e apenas algumas das ações propostas foram compreendidas e concretizadas, contudo, o documento apresenta-se muito bem elaborado e contém uma forte responsabilidade no que diz respeito à sustentabilidade.

Segundo a Agenda 21 Local da Sertã, para a implementação de uma estratégia de desenvolvimento sustentável é necessário o estabelecimento de hierarquias de orientação para a sua intervenção, de maneira a exigir que as potencialidades e fragilidades sejam priorizadas para efeitos de atuação (CMS, 2004).

Sabendo à partida da existência de um Relatório de Sustentabilidade (maio de 2009) e de um Plano de Desenvolvimento Turístico do Concelho da Sertã (PDT - 2011) – ambos elaborados pela CMS e apresentados publicamente, mas que nunca chegaram a ser executados. – E ainda do Plano Estratégico Municipal da Sertã (2015), redigido pelo Grupo de Estudos em Território e Inovação da Universidade de Aveiro (GENTIN-UA), com fundamento técnico e que também não tem tido aplicabilidade, é possível afirmar que muita investigação está feita e, da melhor forma e seria necessário usá-la operacionalmente como motor de desenvolvimento.

## **II.2 Descrição das atividades desenvolvidas ao longo do estágio**

A duração do estágio foi de três meses, compreendido de janeiro a março de 2018.

Para melhor compreensão, as atividades desenvolvidas serão apontadas individualmente de maneira a constituir um plano de trabalho.

### **a) Proposta de Feira Medieval – Feira da Celinda (janeiro – fevereiro de 2018)**

Ao nível do turismo cultural, fez-se uma proposta de uma Feira Medieval, no âmbito da recriação da Lenda da Celinda (mitologia da Sertã – ver anexo IV). Procurou-se e contactou-se a empresa de recriação de feiras medievais, Beiranima, uma empresa da região centro (Castelo Branco), fazendo-se questão que fosse uma empresa de âmbito de atuação regional para ir ao encontro da temática do desenvolvimento local. Várias foram as reuniões entre o organizador e o promotor na medida em que se pretendia alcançar um projeto viável. Redigiram-se propostas e sugeriram-se alterações - desde a escolha de animais requisitados para a feira até ao design do cartaz promocional. Fez todo sentido fazer a recriação desta Lenda na medida em que se promove a cultura e origem dos territórios sertaginenses e a Feira da Celinda (já denominada), poderá fazer parte das feiras com regularidade anual.

### **b) Mediação para o FIBS (janeiro – fevereiro de 2018)**

O outro evento que se promoveu, entre os organizadores Paul Michelmores, Clube da Sertã e o promotor (Município da Sertã) foi o do Festival *FIBS'2018* (Festival Internacional de Bandas na Sertã), este festival teve a sua primeira edição em 2017, junto às margens da Ribeira Grande da Sertã e teve um impacto social, cultural e económico muito positivo, segundo a Rádio Condestável “depois do sucesso alcançado no ano passado” em 2018 haverá outra edição. O cartaz (2017) compunha várias bandas britânicas (Música Folk), uma banda sertaginense (Rock) e um Cantautor oriundo da Sertã. Este encontro promoveu a interculturalidade musical, os

músicos trocaram experiências entre si, os habitantes participaram nas danças e no convívio e vários foram os visitantes, residentes e não residentes (nacionais e internacionais), que se deslocaram para assistir ao festival. Um excerto retirado do site da Rádio Condestável comprova o motivo e o intuito desta organização. Segundo uma nota enviada para a rádio que teve a seguinte descrição:

«O FIBS visa “dar a conhecer as potencialidades deste concelho, criando condições para que cada vez mais se desloquem mais pessoas, ajudando assim a consolidar o turismo local, tanto hotéis, hostéis, alojamento de turismo rural, bem como a restauração que tanto tem a oferecer com a nossa fabulosa gastronomia regional”, acrescenta a nota. Outra das ideias é “aproveitar as potencialidades da praia fluvial e toda a zona envolvente” e promover a “cultura musical” na Sertã.

Ainda de acordo com a organização, “apesar das dificuldades que existem na organização destes Festivais, é nossa intenção de forma a proporcionar o acesso a todos, de forma totalmente gratuita, incluindo o acesso a diversas atividades de lazer previstas realizar com a colaboração esperada do agrupamento de Escuteiros da Sertã, IVS e Celinda BTT”.»

#### **c) Levantamento de Percursos Pedestres (fevereiro de 2018 de 2018)**

Outra das tarefas no decorrer do estágio foi fazer-se o levantamento dos percursos pedestres do concelho (seis percursos). Durante cerca de duas semanas foi-se para o terreno na companhia de um técnico de percursos. Devido aos fogos de 2017, nomeadamente, o de 17 de outubro, foi necessária a intervenção no terreno e a verificação das condições dos percursos pedestres, de modo a apontar-se os danos causados pelo fogo e a avaliar-se a resolução do problema tendo em vista, uma solução sustentável. Redigiu-se um relatório descritivo com o devido levantamento (12 páginas) e com fotografias para comprovar os problemas a solucionar e servir de apoio ao técnico que elaborará o orçamento para a reconstrução, no caso dos percursos afetados pelo fogo, e para a manutenção dos restantes, pois, pensou-se fazer uma avaliação a todos os percursos, de maneira a requerer a sua homologação.

#### **d) Roteiro turístico (janeiro – março de 2018)**

A intenção de criar um roteiro turístico da região foi uma das propostas que resultou do desenvolvimento do estágio.

A escolha de aplicar o roteiro à região vem na máxima da criação de sinergias interconcelhos (limítrofes) - Sertã, Mação, Vila de Rei, Proença-a-nova e Oleiros - isto é, se for criada uma estrutura em rede, onde se promova a região e os seus produtos endógenos, poderá obter-se maior afluência turística por promover um leque de ofertas diversas e aumentar o número de estada efetiva.

À data do término do estágio, a elaboração do Roteiro atrás descrito ficou em fase de estudo, não tendo obtido um resultado conclusivo, sendo que ficou como sugestão de melhoria (ver tabela 3).

### II.3 Análise crítica do estágio

Neste subcapítulo detalhar-se-á uma análise crítica do estágio, tendo como base o quadro da literatura desenvolvido no Capítulo I e a experiência adquirida no decorrer do período que iniciou a 2 de janeiro e terminou a 29 de março de 2018.

Neste contexto, **foi possível alcançar os dois objetivos específicos** estabelecidos: **a)** aquisição de conhecimentos aprofundados acerca do funcionamento interno do departamento de turismo do município da Sertã e assimilação das suas funções; **b)** compreensão e articulação das políticas municipais tendo em vista o desenvolvimento turístico.

Pode apontar-se o período de estágio como algo enriquecedor e de elevada aprendizagem, na medida em que se apurou o **funcionamento interno do poder local** e do **método administrativo e institucional** da entidade acolhedora. Isto é, compreendeu-se a **importância do setor para o município**, dividido em dois fatores, o primeiro, como **centro de informações ao munícipe e ao visitante** (na medida em que se encontra disponível um funcionário com essa função), o segundo, no âmbito da organização de eventos, a existência de **método e disciplina** visa uma realização eficaz dos mesmos. Apurou-se também o **valor do sistema social interno e gestão do fator humano**, ou seja, para o bom funcionamento de qualquer empresa ou instituição terá de haver uma boa gestão desta função. Para Carvalho (2011:156) “à função de recursos humanos cabe, portanto, garantir o aproveitamento das

qualidades profissionais e humanas dos seus colaboradores e proceder de modo a que reine, entre todos, um clima harmonioso e cordial”.

Com isto, no decorrer do período atrás mencionado, não só foram compreendidas aprendizagens como foram sentidas dificuldades, a **primeira** a apontar revela-se no âmbito da **coordenação do departamento**, que, por motivos de mudança de chefia, se encontrava em situação de adaptação, sofrendo alguns ajustes, nomeadamente, na distribuição de tarefas e funções dos funcionários do gabinete de Turismo. Desta maneira, verificou-se uma carência de pessoas especializadas na chefia/direção do departamento em causa – Departamento de Turismo, que não possui um técnico especializado a coordenar, carecendo de medidas de direção, quer tecnocráticas, quer humanistas. Segundo Cunha & Abrantes (2013) “a formação profissional é uma das tarefas mais importantes dos Estados” e para a gestão de qualquer tipo de empresa ou instituição é necessário a existência de técnicos especializados, quer na área de investigação, quer na área de direção. Como tal, e no âmbito dos princípios fundamentais para a gestão de empresas ou instituições “dirigir diz respeito ao modo como se emitem as instruções. Implica uma atividade contínua de formação e envolve, necessariamente, a motivação do elemento humano”(Carvalho, 2011: 167).

O departamento foi constituído em janeiro de 2011, atualmente é composto por uma equipa de trabalho com quatro funcionários. A equipa apresenta-se na plena capacidade de solucionar problemas, de executar tarefas de cariz organizacional e metódico e reúnem as condições para a elaboração de propostas no âmbito da organização de eventos e de melhoria para o setor. No atendimento ao público encontra-se um funcionário com formação académica em turismo e domínio de línguas estrangeiras. A apresentação dos variados produtos turísticos (mapas, merchandising...) está ao dispor do visitante e o atendimento é personalizado. A **segunda** necessidade sentida é a formação de uma **Equipa de Ação**, isto é, existem os elementos fundamentais à criação desta equipa, contudo, não estão devidamente posicionados e requerem de uma direção executante e permanente, de maneira a fazer a apresentação anual de atividades desenvolvidas no âmbito do setor, atempadamente e mediante um plano de ação, estratégico e sustentável. Para tal, e na necessidade de melhorar o produto turístico e o desenvolvimento local do concelho,

deve ser tido em conta o papel da responsabilidade do poder local no planeamento de uma estratégia a médio e longo prazo e uma vez traçada, deve ser posta em prática a sua execução, sempre, numa perspetiva de sustentabilidade. Com isto, para Cunha e Abrantes (2013: 430)

A gestão de interesses turísticos locais pertence, por via descentralizada, às Câmaras Municipais, que exercem amplos poderes no domínio do ordenamento do território, na definição de áreas de desenvolvimento turístico, na aprovação de projetos e autorização e funcionamento de estabelecimentos bem como a sua fiscalização.

A **terceira** carência identificada e - talvez a mais importante, assenta no **défice do departamento de comunicação** – O departamento é composto por dois elementos, não sendo estes suficientes para o volume de trabalho. Esta situação põe em causa a comunicação eficaz e a informação ao munícipe e apontam-se situações indesejadas, tais como, a má promoção dos eventos (muitas vezes promovidos a escassos dias da sua execução), a má promoção do destino em eventos determinados para a apresentação do produto turístico (Bolsa de Turismo de Lisboa 2018, entre outros). Para o departamento do turismo, este défice traduz-se num problema e a adoção de uma estratégia de marketing turístico torna-se urgente. Segundo Languar e Hollier 1996: 9) o marketing turístico define-se como:

Uma série de métodos e técnicas subjacentes a um estado de espírito particular e metódico, isto é, uma atitude de pesquisa, análise e interrogação constante, que visam satisfazer as melhores condições psicológicas para os turistas, para as populações anfitriãs e os melhores resultados financeiros para as entidades turísticas, qualquer que seja a razão da viagem.

Determinada como a **quarta** carência, aponta-se a **falta de comunicação entre departamentos**, dado que muitas das vezes esta falha na comunicação interna provoca má orientação e aumento de despesas inesperadas.

A **quinta** das necessidades sentidas, assenta na **localização do espaço destinado ao Posto de Turismo**, sendo este no interior da Casa da Cultura e Espetáculos da Sertã, numas instalações pouco próprias para o fim. Do outro lado da rua encontra-se um

edifício com duas instalações (Edifício NUMOAS) recentemente restaurado - de um lado opera a Junta de Freguesia da Sertã e do outro encontram-se os artesãos com o seu artesanato. Visto verificar-se espaço vago nas instalações, a sugestão seria, para melhor gestão de recursos e imagem do concelho, mudar as instalações do Posto de Turismo da Casa da Cultura para o Edifício NUMOAS, sendo que operava o posto de turismo em conjunto com os artesãos, de maneira a incubar toda a informação da oferta turística no mesmo local.

Apontadas as carências sentidas e na premissa de melhoria, pode constatar-se que durante o período de estágio, não se verificou, no setor do turismo, a implementação do Plano Estratégico Municipal da Sertã, elaborado em 2015.

Averiguadas as deficiências do setor, pode apontar-se como **urgente e necessário**, o **funcionamento do Posto de Turismo durante o fim de semana**.

Por fim, cabe ao poder local a promoção do seu território e como tal, para destinos de interior, Ribeiro (2001: 320) refere que:

Com efeito, entre os responsáveis políticos aos mais diversos níveis da Administração Pública, tem vindo a crescer a convicção de que o turismo, pelas suas características, pode constituir a turbina do processo de construção de respostas para os extensos e graves problemas socioeconómicos que estas regiões vêm desde, há muito, acumulando, e que são, em boa parte, problemas gerados e ampliados pelo desinteresse e a omissão desse mesmo poder político.

### **CAPÍTULO III**

### **O TURISMO DE INTERIOR NO CONCELHO DA SERTÃ**



## **O TURISMO DE INTERIOR NO CONCELHO DA SERTÃ**

Neste capítulo será exposta a realidade turística do concelho da Sertã e através da realização de um estudo empírico, será feita uma análise descritiva da situação atual. Este capítulo divide-se em seis partes. A primeira parte detalhará a caracterização da atividade turística do concelho da Sertã (procura e oferta). Na segunda parte elaborar-se-á uma análise SWOT sobre o concelho, na intenção de apontar as suas forças, fraquezas, oportunidades e ameaças. Na terceira parte desenvolver-se-á um estudo empírico, desenvolvendo a metodologia a aplicar, a amostra e população-alvo e a técnica de recolha de dados (entrevista qualitativa semiestruturada) e descrever-se-á a apresentação e a discussão de resultados recolhidos. Na quarta parte deste subcapítulo detalhar-se-á os impactes do turismo no concelho da Sertã. Na quinta parte será disposta a política de desenvolvimento local da Sertã. Na última parte, portanto, sexta parte, será feita a descrição em forma de tabela, de sugestões e propostas de melhoria para colmatar supostas deficiências, resultantes do estudo em si.

### **III.1 Caracterização da atividade turística - Sertã**

A oferta turística da sertã, destaca-se pelo seu património natural, patrimonial, arqueológico, arquitetónico e pelos vários eventos culturais realizados habitualmente. Ao longo deste subcapítulo será descrito, com maior detalhe, a oferta turística no concelho.

Globalmente, a procura turística na Sertã assenta muito no Turismo Natureza (CMS, 2018) O desenvolvimento do turismo cultural está em grande foco com o projeto “Caminhos” (Ferro, Água e Fogo) organizado e desenvolvido pela Entidade Regional Médio Tejo (Médio Tejo, 2018).

A Capacidade de alojamento no concelho da Sertã dispõe de distintos tipos de alojamento (Ver Apêndice 1).

### **a) Património natural**

Ao nível do património natural o concelho da Sertã dispõe de diversos recursos, nomeadamente hídricos. A existência de praias fluviais e as albufeiras das barragens do Cabril, de Castelo de Bode e Bouçã, constituem os pontos de maior afluência turística (CMS, 2017). As duas últimas estão classificadas como albufeiras protegidas, por abastecerem água às populações, contudo, é permitido o uso das mesmas para natação, banhos, pesca, desportos como vela, remo e navegação recreativa. O concelho dispõe também de paisagens naturais de interesse turístico que podem ser vistas dos miradouros existentes, o miradouro da Bela vista, o de São Macário e o da Nossa Senhora da confiança. Dispõe também de uma variedade de espécies (CMS, 2017).

### **b) Património histórico**

O património arqueológico, de enorme riqueza, é provido de variados materiais romanos e medievais e de diversas estações arqueológicas, desde a estação de Castro de Santa Maria de Madalena, que prova a existência de um povoado Lusitano-Romano e da Nossa Senhora das Águas Feras, com a vasta coleção de estelas funerárias templárias (CMS, 2017).

Na serra do Cabeço Raínho - Figueiredo e Lajeira, na rocha da Ferradura existem gravuras que revelam a existência de povos pré-históricos (CMS, 2017).

O Castelo da Sertã teve ocupação Árabe, após as escavações no Castelo que evidenciaram os períodos da idade média, idade moderna e contemporânea, foi estabelecida a sua antiguidade, sendo um dos mais antigos a norte do rio Tejo (CMS, 2017).

Como património arquitetónico e de elevado interesse cultural, as variadas pontes Romanas e Filipinas que se distribuem por todo o concelho. Como Imóvel de Interesse Público, podemos destacar a Ponte de Pedra, faz fronteira com Sertã, Vila de Rei e Mação, sendo habitualmente conhecida, por Ponte dos Três Concelhos, como Monumento Nacional, a Ponte Filipina do Cabril (CMS, 2017).

Na vila da Sertã, como imóveis arquitetónicos de interesse, podemos destacar, o Castelo, a Igreja Matriz, a Capela da Santa Casa da Misericórdia, o Pelourinho, os Paços do Concelho, a Casa de Guimarães e o Convento de Santo António, atualmente convertido em Hotel de quatro estrelas.

Na vila de Cernache do Bonjardim, também de elevado interesse arquitectónico, a Igreja Matriz, o Pelourinho, o Seminário das Missões, o Atelier Túlio Vitorino.

Na vila de Pedrogão Pequeno apresenta também vários edifícios de interesse, a Igreja Matriz e o pelourinho bem como a diversa arquitetura dos imóveis do centro histórico, revelando a presença do granito, muito embora, o xisto seja o material de construção predominante (CMS, 2017).

### **c) Eventos culturais**

Ao nível dos eventos culturais (muitos deles promovidos - em parte - pelo município), que vão desde as Festas e Romarias do Concelho, Festivais de Música, como, por exemplo, o PROVART – Festival de Cerveja Artesanal (com cerveja oficial: a *Celinda*) e o FIBS (Festival Internacional de Bandas na Sertã). O festival gastronómico do Maranhão é um festival com grande destaque e é organizado pelo município. A dinamização da Casa da Cultura da Sertã, com eventos mensais, nomeadamente Teatro infantil é mais um dos eventos patrocinados pelo município.

A Banda Filarmónica União Sertaginense e Academia Sénior da Sertã, projeto do CCD (Centro de Cultura e Desporto da Câmara Municipal) são fundamentalmente patrocinados pelo Município.

O Cinetatro Tasso, incluído no edifício do Clube da Sertã, embora seja uma associação recreativa é anualmente apoiado pelo Município. O Grupo de Cavaquinhos da Sertã é um projeto recente, no entanto, tem tido uma enorme adesão (CMS, 2018).

Os produtos da Terra (decorre no terceiro domingo de cada mês) é uma atividade que promove a venda de artesanato local, produtos hortofrutícolas, doçaria e

transformados. Esta iniciativa fomenta a venda de produtos que se excediam nas hortas dos pequenos produtores (CMS, 2018)

Os Quintais nas praças do pinhal (praticado no 2º domingo de cada mês na sertã) que decorre entre os cinco concelhos, Mação, Sertã, Oleiros, Proença-a-Nova e Vila de Rei é uma atividade promovida por todos os concelhos envolvidos (CMS, 2018)

A agenda cultural da Sertã apresenta a oferta do concelho, de dois em dois meses, em formato de papel.

### **III.1.2. Sertã– como destino turístico**

O concelho da Sertã dispõe de um vasto património natural, um significativo património cultural, arquitetónico e arqueológico (tal como se apresentará detalhadamente ao longo do Capítulo III) tendo bastantes potencialidades em termos turísticos.

#### **1.2.1 Caracterização geográfica**

A sertã encontra-se num vale xistoso e está classificada na Sub-região do Médio Tejo (NUTS III) na Província da Beira Baixa (CMS, 2017). Sendo a principal vila do pinhal interior sul, reunindo condições naturais para a prática de um turismo de qualidade, com uma forte inclinação para a vertente Turismo Natureza (CMS, 2017).

Ao nível do território a Sertã encontra-se no coração do país, isto é, fica a apenas 24 km do centro geodésico do país, assim sendo, confronta com Vila de Rei e Mação a Sul, Ferreira do Zêzere a Sudoeste, Figueiró dos Vinhos a Oeste, Pedrogão Grande a Noroeste, Pampilhosa da Serra a Norte, Oleiros a Nordeste e Este e Proença-a-Nova a Sudeste (CMS, 2017).



**Figura 1-** Mapa do concelho da Sertã

**Fonte:** CMS, 2018

O concelho da Sertã é compreendido por 10 freguesias, Cabeçudo, Carvalho, Castelo, Pedrogão Pequeno (vila), Sertã (vila), Troviscal, Várzea dos Cavaleiros, União das Freguesias de Cernache de Bonjardim (vila), Nespéral e Palhais, União das Freguesias de Cumeada e Marmeleiro e União das Freguesias de Ermida e Figueiredo (ver figura 1). Sendo a Sertã sede de Concelho e, portanto, a vila com maior destaque e maior variedade de serviços básicos, é também o impulsor de desencadeamento turístico predominante (CMS, 2018).

### 1.2.2 Caraterização populacional

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), nos resultados apresentados nos Censos 2011, o concelho da Sertã reúne cerca de 15 800 habitantes. Dos 15.800 habitantes do concelho podemos referir que a densidade populacional na faixa etária dos 25 anos aos 64 anos é elevada, no entanto, há uma freguesia que apresenta maior número populacional na faixa dos 65 anos ou superior, sendo a União das Freguesias de Cumeada e Marmeleiro (CMS, 2018). A Freguesia do cabeçudo tem cerca de 95 habitantes por m<sup>2</sup>, ao contrário da União das Freguesias de Figueiredo e Ermida que se destaca pela baixa densidade demográfica, contendo apenas, cerca de 10 habitantes por m<sup>2</sup> (CMS, 2018.)

A população empregada no setor terciário é aproximadamente dois terços do total e o setor secundário dos 30%. O setor primário é mais reduzido, abrangendo 6,5% dos trabalhadores, contudo, o número de explorações agrícolas registadas ao nível municipal é o quarto mais elevado do Médio Tejo (Vitorino, 2017:55).

### **1.2.3 Recursos e atrações turísticas**

Segundo o INE (2009) “a afirmação dos territórios enquanto destinos turísticos passa pelo aproveitamento dos recursos endógenos locais, em particular dos que são diferenciadores face aos restantes territórios. A oferta turística reflete de algum modo esse aproveitamento, apresentando expressões territoriais distintas” (Publituris,2011). Com isto, podemos identificar que ao nível dos recursos turísticos no concelho da Sertã podem apontar-se os recursos ligados ao Turismo Natureza, sendo eles, a Ribeira da Sertã (Ribeira Grande) e a Ribeira do Amioso (Ribeira Pequena), o Rio Zêzere e as três grandes Albufeiras das Barragens, Cabril, Bouçã e Castelo do Bode. Como atrações turísticas no concelho pode destacar-se as estações de arte rupestre da Lajeira e da Fechadura (Património arqueológico) os vários equipamentos culturais edificados, como as pontes romanas, as igrejas, as capelas, o Seminário da Missões, o Atelier Túlio Vitorino e o Clube da Sertã (Património Arquitetónico). Os eventos promovidos ao longo do ano constituem uma forte atração turística, nomeadamente, o festival do Maranho, que explana a oferta gastronómica local, tais como, o Maranho da Sertã, o Bucho Recheado da Sertã, os Cartuchos de Amêndoa de Cernache do Bonjardim, os Coscoréis, as Filhós, as Merendas Doces, as Bonecas de Palhais, os Enchidos Típicos do Concelho da Sertã, os Queijos do Concelho da Sertã, a Aguardente de Medronho da Sertã, e os Vinhos do Concelho da Sertã. No primeiro ponto (Caraterização da atividade turística) do Capítulo III será feita, com maior detalhe, a exposição da oferta natural, patrimonial, arquitetónica e cultural da Sertã.

#### **1.2.4 Caracterização de Serviços Turísticos**

O concelho da Sertã dispõe de cerca de 19 unidades de restauração (restaurantes típicos, Churrasqueiras, Pizzarias) e de cerca de 13 unidades hoteleiras (ver apêndice I), na existência de 3 unidades de alguma dimensão, 2 hotéis de 4 estrelas e 1 hotel de 3 estrelas (CMS, 2018). Dispõe também de 3 empresas de animação turística, ligadas aos Desportos Natureza. No tecido empresarial apontam-se indústrias relacionadas com a exploração florestal (cortiça e silvicultura), indústrias da madeira e derivados (extração e transformação, fabrico de mobiliário e papel), dos materiais de construção (construção civil), agroalimentar (ex. carnes e queijos), do corte e acabamento de pedra (mármore e cantarias), dos têxteis (confeções) e da produção de energia elétrica (eólica, hídrica e biomassa), comércio e serviços. O número de sociedades e empresas da região supera as 1.700, cerca de metade das quais dedicadas ao comércio por grosso e a retalho e à construção (Vitorino, 2017:55).

A agenda cultural mensal, que desde 2011 funciona como reunião da informação e promoção de eventos mensais, sendo importante referir que a Sertã pertence à Entidade Regional Médio Tejo (Comunidade Intermunicipal que inclui 14 concelhos) e como tal, recebe apoio no âmbito da aplicação móvel “Descubra” com o intuito de promover a articulação de eventos entre os concelhos membros, evitando assim a sua sobreposição. O Município ao pertencer a esta Comunidade Intermunicipal é ainda apoiado ao nível da promoção como destino turístico. Ao nível dos transportes o concelho dispõe de três terminais de rodoviária (Venânciotur, Rodoviária de Beira Interior), três Praças de Táxi (Sertã, Cernache do Bonjardim e Pedrogão Pequeno) e da Pinhal Verde (empresa de transportes e passageiros) (CMS, 2018).

#### **1.2.5 Acessibilidades**

O Concelho da Sertã situa-se no distrito de Castelo Branco e é servido pelas ligações de auto - estradas e vias rápidas: A23, A13, A17, IC8 e estradas nacionais N2, N238, N244, N24. (ver anexo II).

### **1.2.6 Caracterização da Procura Turística**

O número de dormidas (por 100 habitantes) em estabelecimentos hoteleiros (hotéis e pensões) do concelho da Sertã em 2001 era de 78,7 e em 2016 foi de 298,2 (PORDATA, 2018). A estada média (Nº) nos estabelecimentos hoteleiros por localização geográfica apresentam em Portugal (dados 2016) 2,8 e na Sertã os dados revelam uma estada de 2 relativamente ao mesmo ano (INE, 2018)

Quanto à procura turística no concelho da sertã (dados referentes a 2010) é “claramente sazonal, os picos de afluência centram-se nos meses de julho e de agosto, com uma procura bastante acentuada face aos restantes meses” (CMS - PDT, 2011). Os turistas que mais visitam o concelho da Sertã são turistas nacionais (dados referentes a 2011), contudo, turistas oriundos de França e Inglaterra apresentam um volume considerável na visita ao concelho (CMS - PDT, 2011) (ver anexo III – Gráfico 2).

Os proveitos totais dos estabelecimentos hoteleiros em Portugal (2016) foram de 3103 755 milhares e na Sertã, relativamente ao mesmo ano, de 1875 milhares (INE, 2018)

De uma maneira geral, ao longo dos últimos anos tem-se verificado um crescimento, embora lento, da atividade turística.

### **III.2 Análise SWOT do turismo no concelho da sertã**

O termo SWOT, oriundo de uma sigla da língua inglesa é constituído pelas iniciais das palavras *Strengths* (Pontos Fortes), *Weaknesses* (Pontos Fracos), *Opportunities* (Oportunidades) e *Threats* (Ameaças). A SWOT é uma ferramenta usada para fazer uma análise de cenário e verificar a posição estratégica de qualquer organização.

Para analisar e medir a competitividade de um destino turístico é necessário elaborar uma análise SWOT para compreender e assim, articular, os fatores positivos com os

fatores negativos do destino em estudo. A competitividade no setor turístico é variável e depende do modelo adotado. O desenvolvimento de um modelo de competitividade de um destino turístico “associado a indicadores competitivos, permitirá a identificação das forças e fraquezas relativas a diferentes destinos, que podem ser utilizadas pelo setor e pelos seus governos, de forma a aumentar as receitas no turismo e nos impactos socioeconómicos, resultando no crescimento do setor” (Dwyer e Kim, 2003 cit in Estevão & Ferreira, 2015:80).

No caso do concelho da Sertã, o turismo tem trazido ao concelho, imensas vantagens, quer na circulação de visitantes, quer no incremento de economia. No entanto, toda a dinâmica em torno do setor do turismo aponta-se como “lenta” e “morosa”.

A Gastronomia é um dos principais motivos de atração turística no concelho, o tradicional Maranho da Sertã tem ganho bastante visibilidade no mercado nacional e internacional, está classificado como produto endógeno da Sertã e o Festival do Maranho vai para 8ª edição, sendo organizado no mês de julho, há oito anos consecutivos. De ano para ano tem aumentado o número de visitantes, os seus impactes são muito positivos. A prova desta afirmação, segundo dados recolhidos em 2014, (números aproximados) “sendo que foram consumidos neste ano: 4115 quilos de presunto, 5136 litros de vinho, 4140 litros de azeite, 150 quilos de hortelã, 25.780 quilos de carne de cabra, 10 494 quilos de arroz num total de 53 mil quilos de maranhos” (CIMS, 2018).

No festival gastronómico atrás descrito, estão presentes vários artesãos, desde da cestaria à cerâmica, no setor agroalimentar, do queijo à doçaria local. Estão representados também, o comércio local e as atividades do setor primário regional (apicultura, plantas aromáticas, entre outros). Este festival é a melhor apresentação/explanação do produto endógeno sertaginense e das suas tradições.

Ao nível social os impactes do turismo no concelho têm vindo a ser positivos, embora vagarosos, contudo, a criação de espaços verdes e o desenvolvimento da vertente hoteleira causou a criação de novos postos de trabalho, a dinamização das empresas de animação turística trouxeram ao concelho, novas formas de diversão e os festivais anuais têm boa aceitação social e os munícipes mostram-se recetivos a

novas edições. Segundo um estudo de caso realizado sobre a sertã, na questão “o Turismo no espaço Rural como promotor da preservação de culturas e de tradições” os resultados apresentados revelam que “50% de respostas considera as novas ofertas turísticas muito importantes 28% bastante importantes permitindo-nos entender que novas ofertas contribuem para a valorização do património e para a dinamização da economia local, através do Turismo no espaço rural” (Vitorino, 2017)

A dinâmica sócio-cultural para além de promover a cultura e o produto local, promove também a interculturalidade entre o visitado e o visitante e este encontro é sempre uma mais-valia para a comunidade, na medida em que aumenta a qualidade de vida desta mesma.

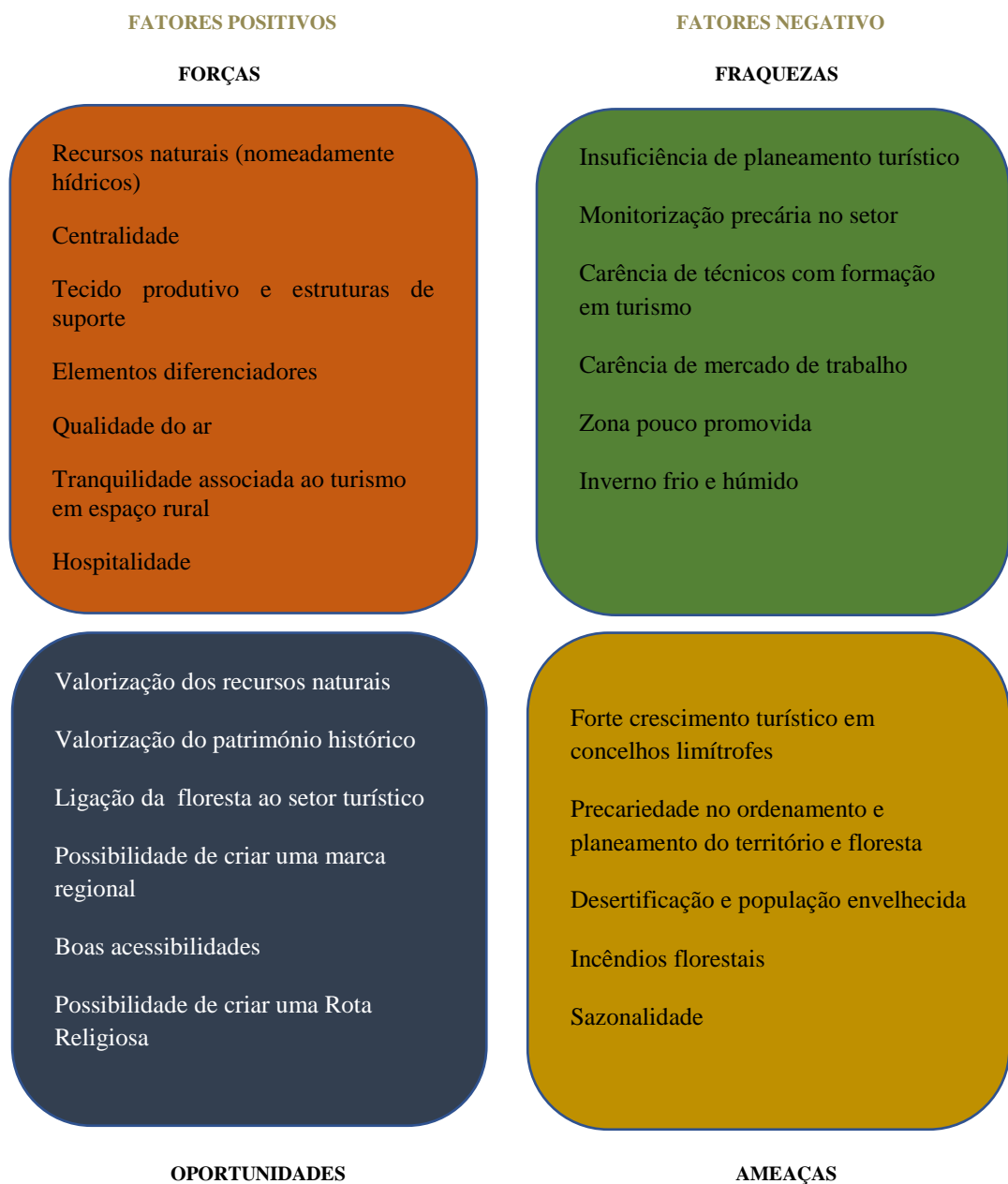
Ao nível ambiental o turismo não tem causado efeitos negativos reconhecidos, de maneira que o meio ambiente é a base do chamariz turístico do concelho e a valorização da floresta e do meio natural tem vindo a aumentar ano após ano. O mau ordenamento e planeamento do território, temática que é da responsabilidade do Município, sendo o grande causador de decréscimo turístico, por se verificarem fogos florestais em época alta, causando sensação de medo por parte do visitante e pondo em causa a estada deste, na região.

Ao nível económico o turismo tem, efetivamente, causado um aumento significativo na economia local. Desde o alojamento à restauração, o turista que vem para pernoitar ou efetivar uma estada, sacia a sua fome nos restaurantes do concelho e adquire produto endógeno (maranho, mel, doçaria, entre outros) no comércio local, sendo que a oferta é diversificada e de qualidade. Tal como foi esclarecido no capítulo anterior, na apresentação e discussão de resultados.

Atrás referiu-se as três dimensões, a social, a ambiental e a económica e parece necessário referir a quarta dimensão da teoria da sustentabilidade, a institucional, é importante sublinhar que as forças dirigentes do Município da Sertã não colocam o setor do turismo como vetor prioritário de ação, porém, embora lentas, têm-se verificado evoluções ao longo da última década. O apoio institucional é imprescindível em destinos de interior e deve ser o maior impulsionador de novas práticas, devendo incentivar e apoiar as empresas ligadas ao setor. Para Scótolo e

Netto (2014:49) “o desenvolvimento local tem sido possível em projetos endógenos de turismo de base comunitária resultantes da decisão, da autogestão e da plena participação da comunidade local nas atividades turísticas”, sendo que, para Tavares (2009:12) “apesar de muitas políticas dependerem do poder central, as autarquias possuem ainda assim, uma grande capacidade de intervenção no seu território”.

Para sintetizar toda esta afirmação foi desenvolvida a análise SWOT do concelho da Sertã (Figura 2).



**Figura 2** – Análise SWOT do concelho da Sertã - **Fonte:** Elaboração própria

Através desta análise foi possível identificar as seguintes vantagens competitivas (i) recursos naturais, (nomeadamente hídricos) e sua valorização; (ii) centralidade e boas acessibilidades; (iii) tecido produtivo e estruturas de suporte; (iv) qualidade do ar e ligação da floresta ao setor turístico, (v) elementos diferenciadores e possibilidade de criar uma marca regional; (vi) valorização do património histórico e possibilidade de criar uma rota Religiosa; (vii) tranquilidade associada ao turismo em espaço rural e hospitalidade. Apontadas as vantagens competitivas do destino, ter-se-á de relacionar os fatores negativos associados, a fim de compreender as fraquezas e ameaças a colmatar. Desta maneira, podem identificar-se (i) a insuficiência de planeamento turístico; (ii) a monitorização precária no setor, bem como a carência de técnicos com formação em turismo e o forte crescimento turístico em concelhos limítrofes; (iii) carência de mercado de trabalho e a desertificação e população envelhecida; (iv) sazonalidade e inverno frio e húmido; (v) precariedade no ordenamento e planeamento da floresta e incêndios florestais; (vi) zona pouco promovida.

Após elaboração da análise SWOT do concelho da Sertã, onde foram identificadas vantagens competitivas e conseqüentemente, diagnosticados os principais constrangimentos e as necessidades como destino turístico levou à realização de um estudo empírico, apresentado detalhadamente, no capítulo que se segue.

### **III.3 Estudo empírico – A influência do turismo no DL do concelho da Sertã**

Sendo o objetivo deste estudo, compreender o turismo no concelho da Sertã, como atividade que visa o desenvolvimento local, numa perspetiva sustentável, partiu-se para a exploração de um estudo empírico tendo como suporte a revisão da literatura.

### **3.1 Metodologia**

O conceito de investigação assenta sobretudo numa máxima de “solucionar problemas, para aprofundar conceitos e para construir conhecimento” (Morais, 2013: 2), ou seja, investigar consiste, na prática de, através de um procedimento reflexivo sistematizado, encontrar novos fatos ou dados, numa incessante procura da verdade e sob um processo científico, construir conhecimento “ou ainda uma forma de validar ou refutar conhecimento existente”. (Morais, 2013: 2). Para este mesmo autor, o processo de investigação compõe-se em várias etapas metódicas e sequenciais, portanto, diagnosticar o problema, efetivar a revisão da literatura, selecionar a metodologia a aplicar, apurar os resultados obtidos e corroborar as conclusões adquiridas.

A pergunta de partida (formulação do problema), segundo Quivy & Campenhoudt (1998) deve ser clara, exequível e pertinente, de maneira a abordar o real de uma forma analítica e não conter em si, um julgamento moral, isto é, na premissa que a pergunta deve ser ajustada ao objetivo estabelecido, este estudo pretende analisar- o turismo no concelho da Sertã, como atividade que visa o desenvolvimento local, numa perspetiva sustentável.

### **3.2 Recolha de dados**

No presente trabalho realizou-se um estudo empírico de natureza exploratória, cuja metodologia assenta no método qualitativo, sendo que o instrumento de recolha será a entrevista semiestruturada e a técnica de análise será a análise de conteúdo. “As entrevistas exploratórias servem para encontrar pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho, e não para verificar hipóteses pré-estabelecidas” (Quivy & Campenhoudt, 1998:70), o que foi o caso deste trabalho.

Tendo em consideração a questão de partida “a influência do turismo no desenvolvimento local da Sertã”, foi nossa intenção interpretar o fenómeno em estudo, daí que se tenha escolhido uma metodologia qualitativa e, conseqüentemente, a entrevista como instrumento de recolha de informação. Para Bell (1993) “a grande

vantagem da entrevista é a sua adaptabilidade”. Sabendo à partida que a entrevista constitui um dos instrumentos base para o resultado deste estudo pareceu necessário referir que para Simão (2009) “A entrevista facilita a descoberta do significado que permanece implícito no pensamento dos indivíduos, permitindo-nos compreender as suas conceções da realidade e o sentido e significado que dão às suas ações”. A técnica de recolha de dados assenta na entrevista, ou seja, o investigador para alcançar a informação procurada, dirige-se ao sujeito e este “intervém na produção da informação”. (Quivy & Campenhoudt, 1998:19). A apresentação recorre aos métodos de comunicação e interação humana representando um contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores, as variantes, neste caso semiestruturadas, são compostas por uma lista de tópicos de perguntas abertas (Quivy & Campenhoudt, 1998: 22).

Desta forma, formularam-se dois guiões de entrevista (ver apêndice II), sendo o primeiro dirigido à operação, ou seja, à Restauração, Unidades Hoteleiras e Empresas de Animação Turística e o segundo, aos órgãos de tomada de decisão ao nível local, ou seja, a representantes do Município da Sertã. As entrevistas decorreram durante os meses de março e abril de 2018 e concretizaram-se presencialmente. Foram realizadas 11 entrevistas no total e estas foram recolhidas em formato áudio e todo o seu conteúdo foi transcrito na íntegra (apêndice III).

### **3.3 Amostra e população-alvo**

Para o desenvolvimento do presente estudo, optou-se por uma **amostra representativa da população**. Esta amostragem é adequada porque “é importante recolher uma imagem globalmente conforme à que seria obtida interrogando o conjunto da população” (Quivy & Campenhoudt 1998: 19). Neste caso, a população que compreende os operadores turísticos totais do concelho, é de 47 unidades (Restauração, Unidades Hoteleiras e Empresas de Animação Turística) optando-se pela escolha apropriada de uma parte (N=11) que representa um todo. Segundo Carmo & Ferreira (2008) “usualmente considera-se que quanto maior for a amostra mais possibilidade tem de ser representativa da população.”

Neste contexto, estabeleceu-se como amostra: os operadores turísticos cuja relevância e estatuto se destacasse no município da Sertã; os representantes do poder local com influência e interesse no setor do turismo (ver Tabelas 1 e 2)

**Tabela 1** – Caracterização da amostra (Operadores Turísticos)

<b>Operadores turísticos</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Capacidade</b>	<b>Principais serviços</b>	<b>Localização</b>
Restaurante A	Restaurante Típico	57 lugares	Oferta gastronómica	Sertã
Restaurante B	Churrasqueira	28 lugares	Oferta gastronómica	Sertã
Restaurante C	Restaurante Típico		Oferta gastronómica	Sertã
Restaurante D	Restaurante Típico – Casamentos e batizados	90 lugares/ Sala 250 lugares/Salão de eventos	Oferta gastronómica	Sertã
Unidade hoteleira A	Hotel 3*	25 quartos	Hotelaria	Sertã
Unidade hoteleira B	Hotel 4*	73 quartos	Hotelaria Casamentos e batizados	Pedrogão Pequeno
Unidade hoteleira C	Hotel 4*	25 quartos	Hotelaria	Sertã
Empresa de animação turística A	Atividades outdoor e Todo o Terreno	10 a 60 pessoas	Passeios TT, caminhadas, desportos natureza	Pedrogão Pequeno
Empresa de animação turística B	Atividades náuticas	10 a 60 pessoas	Wakeboard, passeios de barco, gaivota e canoa	Cernache do Bonjardim

**Tabela 2** – Caracterização da amostra (Representantes do Poder Local)

<b>Representantes do Poder Local</b>	<b>Entidade</b>	<b>Cargo</b>	<b>Função</b>	<b>Anos de Serviço</b>
Entrevistado A	CMS	Técnico Superior	Departamento cultura/turismo/desporto	20 anos
Entrevistado B	CMS	Assistente Operacional	Departamento cultura/turismo/desporto	11 anos

Neste sentido, foram entrevistados os seguintes operadores turísticos: quatro restaurantes (Restaurante A, B, C e D), um hotel de 3 estrelas (Unidade Hoteleira A), dois hotéis de 4 estrelas (Unidade Hoteleira B e C), duas empresas de animação

turística (A e B). Quanto aos órgãos de tomada de decisão ao nível local (Câmara Municipal da Sertã) seguem-se os representantes da autarquia (Entrevistado A e B).

Ao longo deste capítulo, apresentam-se os resultados obtidos através da realização do estudo empírico sob a forma de subcapítulos. O leque de respostas aos tópicos de investigação será identificado de forma clara e objetiva, contendo a máxima veracidade e explanação. Por motivos de maior entendimento do estudo em si e por se tratar de responsabilidades divergentes no campo da amostra, considerou-se congruente a realização de dois guiões de entrevista, sendo cada um deles, dirigido a um grupo em particular, (Guião A) para os agentes envolvidos na operação turística (Restauração; Unidades Hoteleiras; Empresas de Animação Turística); (Guião B), para os representantes do poder local, isto é, da Autarquia (Câmara Municipal da Sertã). Importante será referir, que as perguntas números 2, 3, 5 e 6 são comuns aos dois guiões.

### 3.4 Apresentação de resultados

#### Contributo da sua atividade para o desenvolvimento local

A primeira pergunta e também pergunta de partida, seguida no guião de entrevista A, “Contributo da sua atividade para o desenvolvimento local” obteve respostas muito semelhantes, na medida em que cada agente entrevistado respondeu que **o seu contributo é a própria atividade**.

Por exemplo, na **Restauração** os representantes alegaram muitas vezes o produto regional e a oferta gastronómica diversificada no âmbito em que servem de intermediários para “*divulgar a gastronomia*” para oferecer “*os pratos mais típicos da região*” e para efetuar “*um serviço de excelência*” servindo esta atividade como “*complemento para a estadia de qualquer visitante*”, transferindo assim “*economia para a região*”.

Nas **Unidades Hoteleiras** os representantes alegaram que o seu serviço efetua dormidas e sabendo à partida que no espaço de uma estadia curta ou longa “*as*

*“pessoas precisam de dormir, ou em trabalho ou em passeio”* (Unidade Hoteleira A) e ao nível do contributo da sua atividade para o desenvolvimento local afirmam que *“as pessoas não vêm para esta unidade hoteleira apenas para ficar aqui, vêm para conhecer toda a região. Vão aos restaurantes, vão conhecer as praias fluviais, fazer atividades outdoor. No nosso entender esse é o nosso contributo, não só para o turismo como também para a economia”*. (Unidade Hoteleira B). Desta maneira, e na máxima do assunto em causa *“O nosso hotel contribui com mais empregos de pessoas da região... damos a conhecer a região sem quaisquer barreiras geográficas. Os nossos hóspedes contribuem de sobremaneira para a economia local, desde a visita aos restaurantes da vila, ao consumo no comércio local”*. (Unidade Hoteleira C)

Já um dos representantes das **Empresas de Animação Turística** coloca a sua atividade como sendo um *“...contributo importante...uma vez que traz pessoas dos grandes centros a esta região e que potencia todos os negócios paralelos à animação turística, quer a restauração, ao alojamento e todos os outros derivados”*. (Empresa de Animação Turística A)

### **A influência do turismo no desenvolvimento local da Sertã**

No Guião B, dirigido aos **Representantes da Autarquia**, o tópico de questão nº1 *“A influência do turismo no desenvolvimento local da Sertã”* demonstrou que *“o setor do turismo é extremamente importante, tanto no vetor económico e social, como na integração do território e sua promoção”* (Representante da Autarquia A) e que *“Turismo é, basicamente o ponto essencial para divulgar a Sertã”* (Representante da Autarquia B), desta maneira é atribuído ao concelho da Sertã o lugar de *“Pólo de atração- por um lado pela sua área de território e centro de realidade do mesmo e por outro, também, pelas valências que tem, ao potenciar outras áreas económicas”* (Representante da Autarquia A).

### **Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã**

Nesta pergunta, os motivos de atração turística no concelho da Sertã, foram muito coincidentes, tanto para os responsáveis do setor da Restauração, Unidades Hoteleiras, Empresas de Animação Turística como para os representantes da Autarquia Local. Ambos apontam os **recursos naturais** como os principais motivos de atração no concelho. Para um dos entrevistados do setor da **Restauração** “*Em qualquer parte do concelho temos sempre contacto com a natureza...*” (Restaurante B) e para salientar esta afirmação, um membro de uma **Unidade Hoteleira** refere que, no concelho, como recursos turísticos atrativos pode destacar-se “*a paisagem, as ribeiras, a proximidade das albufeiras, o Rio Zêzere...*” (Unidade Hoteleira A). Assim sendo é de destacar que “*a paisagem que se alcança dos inúmeros miradouros é imperdível*” (Unidade Hoteleira C). Para além dos recursos naturais apontados também se fez referência à **centralidade** do concelho, sendo que a Sertã está “*situada num centro nevrálgico de comunicações de estradas*” (Unidade Hoteleira A). O outro motivo referido foi a **Gastronomia** “*diferenciadora e genuína*” (Unidade Hoteleira C). A Gastronomia, para o setor das **Empresas de Animação Turística** é apontada como “*...muito importante...*” (Empresa de Animação Turística B) estando a Sertã denominada, para um dos **Representantes da Autarquia**, pela “*terra da Gastronomia*” (Representante da Autarquia A). As Aldeias do Xisto, foram apontadas como um motivo de atração que tem vindo a tornar-se cada vez mais forte. Contudo, e considerando importante destacar que no geral, “*o motivo principal que traz pessoas à Sertã são o descanso, as paisagens, os passeios, as atividades de BTT e outras.*” (Restaurante C)

### **Parcerias existentes/ potenciais parcerias.**

No tópico de análise número 3, a necessidade de verificar a existência de parcerias existentes e potenciais parcerias entre os vários tipos de atores locais, numa máxima de desenvolvimento local, pôde apurar-se que a existência de parcerias é feita de uma maneira natural e na maioria das vezes que estas se efetuam, são de forma inócua e generosa. Isto é, entre os diversos atores locais ligados às atividades turísticas

(Restauração, Unidades Hoteleiras, Empresas de Animação Turística) existe uma espécie de entreajuda definida pelos próprios, sendo salientado por um membro do setor da **Restauração** que *“quando vem alguém comer ao nosso restaurante e nos procura por dormida, nós, aconselhamos os lugares mais próximos e que coincida com as necessidades do visitante”* (Restaurante C). Posto isto, o principal motivo de entreajuda passa por *“...manter as pessoas por cá o maior número de tempo para ajudar no desenvolvimento de economia das unidades como da região”* (Restaurante A). Contudo, um membro de uma **Unidade Hoteleira** referiu a existência de parcerias na medida em que *“nos passeios que elaboramos, para que o hóspede/cliente prolongue a sua estada na nossa unidade hoteleira, temos parcerias com todos os restaurantes da região, com empresas de animação turística, com a ADXTUR, o Turismo do Centro e com o Turismo de Portugal”* (Unidade Hoteleira C). Uma outra Unidade Hoteleira apontou a existência de parcerias locais, no âmbito na Animação Turística *“na componente de Team Building com Eventos Corporate”* (Unidade Hoteleira B). Já para uma das **Empresas de Animação Turística** as existências de parcerias verificam-se ao nível da restauração e alojamento, como complemento da atividade turística que o seu serviço oferece, como referido *“Temos parceria com alguns alojamentos locais e hotéis e depois temos alguns parceiros nacionais que são as agências de viagens e as agências Team Building”* (Empresa de Animação Turística A).

Já no **Município da Sertã** as parcerias existentes fundamentam-se na estratégia turística nacional e assim sendo apontam-se como parceiros *“a Comunidade intermunicipal Médio Tejo, a Pinhal Maior, as Aldeias do Xisto, a Grande Rota do Zêzere (associadas às Aldeias do Xisto) e a Turismo do Centro de Portugal. Como outros parceiros temos, na área do ensino, as escolas profissionais e o Instituto Vaz Serra (IVS) na área do Desporto Aventura”* (Representante da Autarquia A).

### **Necessidades para o desenvolvimento do setor**

Para o desenvolvimento do setor de atividade turística de cada representante entrevistado foram definidas diversas necessidades, sendo algumas delas comuns a

todos (sazonalidade, fraca promoção como destino turístico, maior entrosamento entre os operadores turísticos e a autarquia) a todos (Guião A). Para a **Restauração**, o combate à sazonalidade é uma necessidade sentida no geral e há quem reclame que *“a época de inverno é muito fraca em relação época de verão”* (Restaurante C) e que se deve, para um membro de uma das **Unidades Hoteleiras**, *“repensar a calendarização dos eventos que ocorrem durante os meses de verão na Sertã, deixando o mês de julho e agosto para a afirmação de outras realidades mais populares”* (Unidade Hoteleira C). Para que a Sertã desenvolva em termos turísticos *“é necessário que venha mais gente, é preciso que façam mais eventos”* (Unidade Hoteleira A) e também deverá existir melhor *“Divulgação e maior entrosamento entre as unidades hoteleiras e entre este setor turístico e o próprio município”* (Unidade Hoteleira B).

A necessidade de criar uma Marca Regional é apontada algumas vezes segundo a *“definição de uma estratégia concertada entre os municípios da região, para que se promova um destino com uma marca única, aproveitando as sinergias existentes e não desperdiçando recursos”* (Unidade Hoteleira C).

A criação de uma Rota Religiosa é definida como inclusão do Turismo Religioso no concelho da Sertã e a criação de um Roteiro Turístico da região é também indicada como uma das necessidades a colmatar. Para reforçar esta afirmação e segundo um dos entrevistados é necessário *“produzir um guia turístico da Sertã e da região”* no âmbito de *“fomentar uma política de recuperação e preservação dos nossos monumentos, assegurando a sua abertura ao público e outro tipo de iniciativas conducentes à sua valorização. O turismo não sobrevive com a péssima imagem oferecida por centros históricos velhos e abandonados, como é o caso da Sertã. Importa levar por diante a intervenção no mercado da Sertã, rua do Vale de São Pedro, artéria onde se situava a antiga Casa das Guimarães e na Praça da República”* (Unidade Hoteleira C). O mesmo entrevistado, em relação à criação de uma Rota Religiosa, refere que a *“Criação de um roteiro das igrejas do concelho da Sertã, baseado no livro «Arte por Terras de Nun’Álvares», editado no ano passado e da autoria de Vítor Serrão e Ana Maria Farinha. Nessa obra é feita uma investigação cuidadosa e rigorosa sobre o espólio artístico dos nossos templos*

*religiosos e acerca dos pintores e obras dos séculos XVI a XVIII existentes no município. A ideia de criar este roteiro nasceu da constatação de que os municípios desta região não são capazes de se unir e produzir uma estratégia de promoção”.*

Uma outra necessidade sentida por alguns dos operadores turísticos entrevistados, neste caso, referido por um membro de uma **Empresa de Animação Turística**, é no âmbito da comunicação e divulgação, isto é, *“a promoção...por parte das entidades e não só das Câmaras Municipais, mas também das Regiões de Turismo (...) primeiro há ineficácia da parte os municípios na promoção e segundo há o esquecimento da promoção por parte das regiões de turismo”* (Empresa de Animação Turística A).

Verificando a influência do município no desenvolvimento local da Sertã (Guião B) constatou-se que, segundo os **Representantes da Autarquia**, *“o município deveria ter um papel fundamental, pelo menos para criar condições para que a Sertã desenvolvesse em termos turísticos”* (Representante da Autarquia B) e que o Plano Diretor Municipal - PDM (documento orientador que define as normas dos territórios) e a Câmara Municipal sendo a responsável *“pela gestão desse documento (...) ela é que determina todo o espaço do qual gere...e tudo o que se faça ao nível do território, quer se faça bem ou mal, será sempre da exclusiva responsabilidade da autarquia, atendendo que ela condiciona ou não, de acordo com o PDM, a gestão e a rentabilização do espaço, nas diversas áreas, sejam económicas, sociais, culturais e por aí a fora”* (Representante da Autarquia A).

### **“Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense.**

Nesta questão as respostas coincidiram, sendo que um dos entrevistados do setor da **Restauração** aponta o estado efetivo do DL sertaginense como *“um desenvolvimento local a médio prazo. Há esforço por isso, da parte dos agentes, da parte do município penso que se deveriam esforçar mais”* (Restaurante D). No entanto, para um membro de uma das **Unidades Hoteleiras** *“tudo o que é feito implica morosidade. O facto de não se trabalhar em rede, é muito prejudicial para o*

*desenvolvimento da região*” (Unidade Hoteleira C). Já um dos entrevistados de uma **Empresa de Animação Turística** refere que *“no setor do turismo tem efetivamente existido alguma evolução nestes últimos anos e este tem trazido crescimento económico nesta área”* (Empresa de Animação Turística A). Com isto é necessário salientar que, para um **Representante da Autarquia** *“a parceria entre a Câmara Municipal e os agentes locais, é fundamental”* bem como a reunião dos *“agentes locais com os técnicos do turismo e com os decisores políticos”* (Representante da Autarquia B). Portanto, segundo este ponto de vista, *“a Sertã tem muito para crescer, tem muito para mostrar potencialidades que não são visíveis, mas para isso precisa de ter um Plano que defina qual o “design” a caminhar e depois como se vai desenvolver partindo desse “design”* (Representante da Autarquia A). Em termos de equidade social e económica, um dos entrevistados fez referência à *“desertificação do interior, que é completamente desigual e é injusto para a economia local estar a lidar com grandes superfícies comerciais”* (Empresa de Animação Turística B).

### **Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local**

Neste tópico de questão as opiniões foram, mais uma vez, muito coincidentes e no leque das ameaças, um membro da **Restauração** enuncia a *“perda da floresta nos incêndios e (...) a desertificação”*. Como tal, para um entrevistado de uma das **Unidades Hoteleiras** são enumeradas as seguintes ameaças *“zona pouco promovida e fora dos circuitos turísticos mais conhecidos, inverno frio e húmido, falta de povoamento, a sazonalidade e claro, os incêndios”* (Unidade Hoteleira C). Para uma das **Empresas de Animação Turística**, as ameaças prendem-se com a divulgação e promoção do concelho como destino turístico, ou seja, *“há territórios semelhantes ao nosso em que há uma dinâmica na promoção, muito mais arrojadas do que a nossa”*. Para sublinhar esta afirmação, um dos **Representantes da Autarquia** refere que *“O que nos prejudica enquanto destino turístico é principalmente a má divulgação e má coordenação dos eventos e atividades porque cada um faz por si e sabemos que o trabalho em grupo é sempre mais proveitoso do que o trabalho individual”* (Representante da Autarquia B).

Como **oportunidades**, no setor da **Restauração**, consideram que a união dos concelhos vizinhos seria um benefício para a *“melhoria da divulgação da oferta regional”* (Restaurante C) e juntos se pode *“vender não só um concelho, mas vender uma região”* (Restaurante D) tendo como base, segundo uma **Unidade Hoteleira** *“as características naturais da região: beleza paisagística, barragens e praias fluviais e a tranquilidade associada ao turismo em espaço rural”* (Unidade Hoteleira C). Como outras oportunidades apontam-se *“O aumento do interesse por turismo em zonas pouco conhecidas”* (Unidade Hoteleira C) e o *“aumento de circulação da Nacional 2 (N2)”* (Unidade Hoteleira A), ou seja, a *“exploração do vetor centralidade e excelentes vias de acessibilidade”* (Unidade Hoteleira C). A planificação de uma **estratégia turística** para o **Turismo Religioso e Património Cultural e Histórico** foi apontada como uma oportunidade a desenvolver. Já para os **Representantes da Autarquia**, as oportunidades assentam principalmente nos *“atores locais e (...) na panóplia de produtos endógenos.”*

### 3.5 Discussão de resultados

Como se depreende do estudo empírico realizado, considera-se, na discussão de resultados obtidos, o alcance dos objetivos propostos. Isto é, se o objetivo geral era estudar o turismo no concelho da Sertã, como atividade que visa o desenvolvimento local, numa perspetiva sustentável, pôde apurar-se do estudo, dados concretos para a sua verificação.

No tópico de análise nº 1 “Contributo da sua atividade para o desenvolvimento local” os entrevistados apontaram o **serviço da sua própria atividade** como um contributo para o concelho, nas áreas, económica, social e cultural, mostrando uma visão comum. Em todas as entrevistas realizadas, foi verificada a noção de Desenvolvimento Local, não sendo esta uma temática desconhecida. Como foi referido no Capítulo I o DL visa a articulação equilibrada entre as dimensões, social, cultural, económica, ambiental e política numa máxima de sustentabilidade, sendo apoiada numa vontade comum, numa confiança geral nos recursos próprios, com a

visão de combinar esta articulação para a melhoria da qualidade de vida, agora e no futuro (Melo, 1998). Todos os entrevistados demonstraram a capacidade de oferecer o produto local da forma mais genuína possível, sentindo-se na obrigação de divulgar a gastronomia típica, os recursos naturais do concelho e a oferta diversificada no campo dos desportos aventura.

Para os entrevistados, o turismo constitui uma influência positiva para o DL do concelho da Sertã, sendo que, é considerado como o motor da economia local. Para Baptista (1985: 25) “a questão fundamental para o desenvolvimento deixou de ser a capacidade da região para atrair novos projetos, para ser a das capacidades das regiões para **gerar internamente as condições** de transformação das suas estruturas produtivas”. Do ponto de vista dos representantes da autarquia “contributo do turismo para o DL” do concelho da Sertã, verifica-se um contributo extremamente importante e em termos turísticos o concelho tem muito potencial.

No tópico de análise nº 2 “Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã” foram apontados **os recursos naturais e a gastronomia**. No que diz respeito aos recursos naturais, Silva (2013: 165) considera que:

Turismo na natureza é constituído por qualquer tipo de turismo que consista na visitação de territórios predominantemente naturais com objetivo de apreciar e fruir da natureza, ou, na prática de atividades e experiências diretamente relacionadas com os recursos naturais.

Especificamente, neste estudo apurou-se que os recursos naturais com maior relevo e significado turístico são os **recursos hídricos**. Desta maneira, corrobora-se, Santos, Cravidão e Cunha (2010: 15):

As praias fluviais surgem como uma alternativa direta ao turismo de sol e praia, associado ao turismo massificado. Modo de referência da democratização através das atividades de lazer, a relação com os ambientes aquáticos não marítimos, especialmente rios e albufeiras, tornam possível que em espaços com menores densidades relacionais, menos acessíveis e ainda com debilidades infraestruturais e de equipamento consideráveis, surjam produtos turísticos resultantes da qualidade dos recursos naturais aquáticos.

Já a gastronomia, apontada, diversas vezes como produto turístico local é considerada para Sampaio (2009:119) como “recurso turístico primário”, podendo afirmar-se que a gastronomia é parte integrante da cultura do lugar.

Desta maneira, “a sua preservação e valorização deverão, pois, ser vistas como tão importantes como a de qualquer outro elemento do património cultural” (Sampaio, 2009: 119) e deve ser “preservada, valorizada e divulgada (a Gastronomia Nacional) enquanto valor integrante do Património Português” (Sampaio, 2009: 123).

No tópico de análise nº 3 “Existência de parcerias ou potenciais parcerias” as opiniões foram divergentes. Os Operadores Turísticos da área da Restauração, dos quatro entrevistados, três assumem a inexistência de parcerias protocoladas, contudo, existe uma espécie de parceria natural, na tentativa de prestar um bom serviço e de aumentar a permanência do visitante no concelho.

Considera-se, que nos operadores turísticos entrevistados há um **conceito de DL** implícito e segundo Polèse, (1998 cit. in Simão 2009):

O sucesso de uma região dependerá, em última análise, da sua capacidade de chamar a si a resolução dos seus problemas, de organizar vários agentes em torno de objectivos comuns, e de adaptar-se e ajustar-se com sucesso às pressões externas. As fontes de desenvolvimento residem, deste modo, na própria população, no seu sentido de comunidade e, talvez mais importante de que tudo, no seu espírito de inovação e iniciativa.

Apenas um dos quatro entrevistados no ramo da Restauração revelou a existência de parcerias, nomeadamente com uma Unidade Hoteleira e com empresas de animação turística local, por prestarem o serviço de restauração e divulgação da gastronomia regional a grupos que compram o pacote turístico: dormida, refeição e animação.

Nas Unidades Hoteleiras, das três entrevistadas apenas uma refere a inexistência de parcerias, contudo, verificou-se um **conceito comunitário** na medida em que se

aconselham os restaurantes regionais na premissa de fazer com que o visitante aumente a sua estada. Nas outras duas Unidades Hoteleiras apuraram-se parcerias com os restaurantes da região, com empresas de animação turística, com a ADXTUR, o Turismo do Centro, com o Turismo de Portugal e também parcerias locais com empresas de atividade outdoor. Já as Empresas de Animação turística, têm parcerias com alguns hotéis da região, com agências de viagens nacionais, com o Centro Náutico Motorizado e com empresas Team Building.

Os Representantes da Autarquia apontam como parceiros estratégicos a Comunidade Intermunicipal Médio Tejo, a Pinhal Maior, as Aldeias do Xisto, a Grande Rota do Zêzere (associadas às Aldeias do Xisto) e a Turismo do Centro de Portugal (...) e na área do ensino, as escolas profissionais e o Instituto Vaz Serra (IVS) na área do Desporto Aventura. Assim sendo, é possível evidenciar inúmeras parcerias com a autarquia, contudo, é necessário sublinhar que muitas das parcerias e estratégias, fundadas através de políticas “desenvolvimentistas”, se não forem consolidadas pelo quadro teórico e articuladas com o território em que se inserem, podem causar impactos negativos, por não contribuírem para a melhoria da localidade nem da qualidade de vida dos seus habitantes (DALL'AGNOL, 2012 cit in Scótolto e Netto, 2015: 45).

No tópico de análise nº 4 “Necessidades para o desenvolvimento do sector” (Guião A) os Operadores Turísticos apontam diversas necessidades para o desenvolvimento do seu setor, sendo necessidades comuns a todos eles. Apontam a **carência de indústria** (como combate à desertificação) a **sazonalidade** (época baixa pouco dinamizada), **fraca comunicação** (como destino turístico), **apoio reduzido da parte da autarquia** (para com os agentes locais), entre outros. A definição de uma estratégia concertada entre os municípios da região é uma das necessidades mais sentidas, devendo esta estratégia desenvolver a promoção da região como uma marca única. A criação de um roteiro turístico da região é apontada diversas vezes, sendo que a criação deste roteiro aumentava a valorização e preservação do património

histórico e natural, concentrava a oferta regional, tornando-a mais diversificada e fortalecendo assim, a imagem de destino turístico.

Posto isto, as necessidades são imensas e considera-se relevante referir que os Operadores Turísticos são os que estão no terreno, sendo os que conhecem melhor a atividade turística e acusam a autarquia de manter um desinteressado reconhecimento no trabalho por eles desenvolvido.

Desta maneira, pôde concluir-se que a atenção (por parte da autarquia) dada ao património histórico e cultural, e por consequência, ao turismo, tem sido alvo de crítica local e aponta-se como uma necessidade para o desenvolvimento de atividades ligadas ao setor (turismo) e remete-se a necessidade do papel das autarquias se assumir como “figurino de intervenção” na área cultural, sendo que o mesmo autor evidencia que:

O risco, nesta matéria, é justamente o de algumas autarquias, por miopia estratégica, adulterarem estas intervenções desejáveis, que suscitam, sobretudo, um papel pivot e regulador do Estado local, criando, em vez disso, um quadro de municipalização da intervenção cultural, de quase monopólio, com isso, abafando as forças e energias que é preciso conseguir despoletar (Santos, 2011:14).

No tópico de análise nº4 do Guião B “Influência do município no DL da Sertã” apurou-se que o papel da autarquia é muito importante e atendendo ao PDM é sempre da exclusiva responsabilidade da autarquia a total administração do território.

Com isto, pôde constatar-se que os próprios representantes consideram o **papel da autarquia como fraco apoiante às empresas ligadas ao setor turístico**, porém, cabe ao mesmo, a responsabilidade de melhorar a referida condição, no âmbito em que, “a ideia base é a da capacidade para se utilizarem todos os meios e capacidades humanas e materiais para se satisfazerem as necessidades culturais locais” (Santos, 2011: 13).

O poder local, quer em projetos de índole patrimonial quer em projetos de outra índole, que atuam indiretamente ou diretamente com a área do turismo, detém a

responsabilidade da articulação de todos os componentes inerentes no processo e de envolver a comunidade na resolução deste, para Elsa Peralta da Silva (2000: 222):

Para se conseguir um bom funcionamento administrativo e operativo, há assim que existir, delegação de autoridade e descentralização de iniciativas, de modo a que todos os agentes envolvidos no processo, participem e se responsabilizem pela sua execução, sentindo que o resultado final é produto do esforço e do empenhamento de todos e de cada um.

No tópico de análise nº 5 “Estado da arte do desenvolvimento local sertaginense” os resultados foram muito semelhantes, podendo descrever-se um **DL a médio prazo**. Praticamente todos os entrevistados referem que o turismo evoluiu no concelho nos últimos anos, porém, esta **evolução tem sido lenta e morosa** e são apontadas barreiras criadas pela própria autarquia, nomeadamente no que diz respeito ao encerramento do Posto de Turismo durante o fim de semana. Posto isto, é de salientar que a autarquia detém um papel fundamental no DL do concelho e segundo Scótolto e Netto (2015:44) “pensar em desenvolvimento local é pensar em modificar a situação atual de uma localidade tornando-a aperfeiçoada, melhorada, aprimorada”. A valorização do fator endógeno e do controlo desse fator, deve ser ajustado, sempre na máxima do interesse local, desta forma e segundo Santos (2011:7):

O desenvolvimento endógeno pode revitalizar e dar uma nova dinâmica aos recursos locais, que de outra forma poderiam tornar-se supérfluos, permanecer ocultos ou subutilizados. A íntima dependência entre o desenvolvimento endógeno e os recursos locais pode ter um impacto positivo sobre os interesses e perspectivas locais.

No tópico de análise nº 6 “Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local” os entrevistados apontaram fundamentalmente, as mesmas. No leque das ameaças os **fogos florestais** foram indicados por quase todos os entrevistados, sendo apontado como um flagelo, maioritariamente, da responsabilidade da gestão do território, que se apresenta como um território de combustão. Como refere Santos, Cravidão e Cunha (2010: 14) “a paisagem está continuamente presente nas interpretações que foram feitas do espaço e é a forte

interação entre as características físicas e a intervenção do ser humano que lhe dá real expressão”. Outra das ameaças referidas foi ao nível da **comunicação e promoção** do concelho enquanto destino turístico, como apontam alguns dos entrevistados e segundo Madeira (2010: 54) “o destino turístico contempla todo o conjunto de elementos e organizações que desenvolvem a atividade turística e contribuem para o produto turístico” sendo que a escolha da estratégia de marketing a adotar “depende das circunstâncias, da vocação de cada uma, das vantagens e desvantagens que daí podem vir e da persistência para acreditar fortemente que os resultados virão, mesmo que a médio e longo prazo”. (Madeira, 2010: 51).

A falta de povoamento – **desertificação** - e a **sazonalidade**, foram ameaças apontadas pelos vários entrevistados, de maneira que, pôde ser conclusivo, que a inclusão de uma estratégia a aplicar, quer no combate à desertificação, quer no combate à sazonalidade, deve apoiar-se no melhoramento dos recursos turísticos, de maneira a aumentar o interesse pela procura, transformando uma ameaça numa oportunidade. Segundo Pimentel e Pimentel (2015: 132):

A sociedade fundada no ritmo da industrialização passa a ser questionada pela degradação das condições de vida dos centros urbanos. O contacto com a natureza é, então, realçado por um sistema de valores alternativos, em que o ar puro, a simplicidade da vida e a natureza são vistos como elementos “purificadores” do corpo e do espírito, poluídos pela sociedade industrial. O campo passa a ser reconhecido como espaço de descanso e lazer. É neste sentido que o ambiente rural passa a ser lócus do turismo.

Para fundamentar os motivos que levaram as regiões de interior a repensar a estratégia turística, Ribeiro (2001 :324) constata que:

Todavia, e, devido aos processos de erosão social e de elevado desgaste demográfico que sofreram durante as últimas décadas e que as foi progressivamente privando de capacidade de iniciativa, de dinamismo, de força anímica, de autoconfiança, de capacidade empreendedora, estas regiões vêm demorando a responder aos novos desafios que o turismo lhes coloca, cedendo, deste modo, espaço à eventual instalação de agentes exteriores”.

No leque de **oportunidades** foi feita referência à criação de uma estratégia transformativa, que **alterasse as ameaças em oportunidades**. Com isto, para reforçar esta afirmação e tendo em conta, o aumento de novas necessidades e desejos, por parte dos turistas da atualidade, Ribeiro (2001: 323) realça a “importância da **criatividade**, da imaginação, do engenho, para “descobrir” e, muito especialmente, para realizar e dar vida às oportunidades empresariais que o turismo nas regiões do interior é capaz de propiciar”.

**O aumento de circulação da Nacional 2 (N2)** é também apontada como uma oportunidade, visto a Sertã ser uma das vilas de acesso a esta estrada nacional, que vai de Chaves a Faro.

As **caraterísticas naturais** da região e a tranquilidade associada ao turismo em espaço rural, são oportunidades apontadas pela maioria dos entrevistados, de maneira que, segundo Ribeiro (2001: 322)

Tais oportunidades emanam diretamente da necessidade de colmatar lacunas, quase sempre bastante grandes, existentes ao nível das componentes mais convencionais da oferta — alojamento, restauração, transportes, etc. — e preencher valências que começam agora a emergir: novas práticas desportivas, de fruição da natureza e de animação, em geral.

Em suma, como revelam os resultados do estudo em causa, pôde verificar-se a influência do turismo no DL do concelho da Sertã. O turismo é o motor económico mais dinâmico e diversificado no concelho e a ele se deve grande influxo no desenvolvimento local e suas dimensões.

Por fim, corroborando o estudo empírico realizado e com base na revisão da literatura efetuada, destaque para a afirmação de Simão (2009: 25):

O turismo tem vindo a ganhar espaço crescente nas propostas de desenvolvimento que têm sido delineadas com o fim de contribuírem para a resolução da crise que afecta a maioria das áreas rurais. Contudo, apesar das perspectivas de evolução do sector turístico serem animadoras, é fundamental que o seu crescimento seja efectuado de forma sustentada, quer ao nível económico, quer ao nível ambiental.

#### **III.4 Sugestões e propostas de melhoria**

A política de desenvolvimento local no concelho da sertã encontra-se em fase embrionária no que diz respeito ao incentivo à criação de sinergias entre os diversos atores locais. Fundamentalmente, para Carvalho (2009: 83) “o local é um elemento de transformação social, política e económica, privilegiando novas formas de solidariedade e parceria entre os atores”.

O estudo empírico realizado refere o DL da Sertã como um DL a médio prazo, podendo este, estar mais desenvolvido, visto terem sido elaborados dois planos estratégicos, um pelo departamento de Turismo (PDT - 2011) e outro pela Universidade de Aveiro (GENTIN\_UA, 2015).

No que diz respeito ao combate à pobreza e exclusão social verifica-se um conjunto de iniciativas municipais que atuam em parceria com as juntas de freguesia locais (CMS,2018).

Considerando que o concelho da Sertã é provido de variados recursos turísticos, nomeadamente naturais e que tem valorizado e melhorado o produto endógeno pode referir-se que, segundo Santos (2011: 22):

Os recursos do território são a marca da especificidade das regiões. No actual quadro de globalização e de massificação do consumo, existe, paradoxalmente, uma procura crescente para o que as regiões têm de peculiar, especial e intransferível. Nessa perspectiva, uma das vias de criação de emprego mais promissoras que se abre, sobretudo aos espaços rurais, assenta nos chamados recursos do território.

O reconhecimento da importância de garantir um Desenvolvimento Local endógeno e sustentável para regiões de interior é ponto forte no debate, não podendo deixar de referenciar que, para Stocolo & Netto (2015: 45) “o desenvolvimento local endógeno refere-se ao desenvolvimento que acontece a partir do interior da localidade, partindo dos interesses de seus habitantes e considerando suas capacidades, competências e habilidades”.

Tendo as premissas do desenvolvimento local sustentável como pano de fundo, desenvolveu-se a Tabela 3 com sugestões e propostas de melhoria para a afirmação do concelho da Sertã como destino turístico.

<b>Nome da Proposta</b>	<b>Ação</b>
<b>a) Posto de Turismo da Sertã</b>	Mudar as instalações do Posto de Turismo da Casa da Cultura para o Edifício NUMOAS
<b>b) Espetáculos e Eventos</b>	Alterar agenda da casa da cultura para o Cine Teatro Tasso e vice-versa;
<b>c) Marca Regional “O Coração de Portugal” “The heart of portugal”</b>	Vender a região como um todo – destacar-se por ser um destino turístico diferenciado e no coração do país
<b>d) Rota de Turismo Religioso</b>	Turismo Religioso - Criar uma Rota Religiosa
<b>e) Espaço Caravanismo</b>	Melhorar o espaço destinado a autocaravanas
<b>f) Ecomuseu da sertã</b>	Representar a panópila de produtos endógenos e tradições da Sertã num ecomuseu
<b>g) Jardim da Serrada</b>	Criar uma especie de docas, junto à Ribeira Grande
<b>h) Espaço CIAR (Centro de Interpretação de Arte Rupestre-Sertã)</b>	Dinamização do espaço CIAR como Centro de Investigação e Estudos Rupestres
<b>i) Dinamização do Castelo da Sertã</b>	Criar um ciclo cultural no Castelo da sertã;
<b>j) Zona histórica da sertã</b>	Reabilitação da zona histórica da sertã
<b>k) Roteiro Turístico</b>	Elaboração de um roteiro turístico da região

**Tabela 3** – Sugestões e propostas de melhoria

Para melhor compreensão das propostas apresentadas ao longo da Tabela 3, descrevem-se detalhadamente cada uma das ações para a sua implementação efetiva no terreno:

- a) **Posto de Turismo da Sertã** - Mudar as instalações do Posto de Turismo da Casa da Cultura para o Edifício NUMOAS para melhor gestão de recursos e imagem da Vila (união do posto de Turismo/ Informações com os Artesãos);
- b) **Espetáculos e Eventos** - Alterar agenda da casa da cultura para o Cine-Teatro Tasso e vice-versa, fazer funcionar o cinema nas instalações da Casa da Cultura e os concertos, espetáculos e peças de teatro, por uma questão de acústica e por ser apropriado, realizarem-se no Cine-Teatro Tasso.
- c) **Criação de uma Marca Regional** - Criar uma Marca Regional de maneira a vender uma região como a Região do Douro a vende e destacar-se por ser um destino turístico diferenciado. Era também interessante reunir eventos que trouxessem todas as tradições do país. Uma reunião de curiosidades/ interesses no centro, no coração de Portugal.
- d) **Rota de Turismo Religioso** – Criar uma rota de turismo religioso e ao nível do património religioso edificado, aumentar o interesse pela sua conservação e preservação.
- e) **Espaço Caravanismo** - Melhorar o espaço destinado a autocaravanas (colocar um painel informativo “você está aqui” com as informações base e contatos (restaurantes, serviços, lazer).
- f) **Ecomuseu da Sertã** - Representar a panóplia de produtos endógenos e tradições da Sertã num ecomuseu. Para tal, sugere-se o restauro de um dos edifícios devolutos do centro da vila (zona histórica).

- g) Jardim da Serrada** - criar uma espécie de docas, junto à ribeira (no jardim da Serrada) com bares e esplanadas (podia dar-se a concessão a proprietários de bares da vila) Motivo: desmobilizar zona de lazer, espetáculos e ruído, para uma zona não residencial – assim sendo, os bares (em zonas residenciais) fechariam à 1h e as pessoas mobilizavam-se para essa zona para continuar a diversão.
- h) Espaço CIAR** (Centro de Interpretação de Arte Rupestre da Sertã)- Dinamização do espaço CIAR- Fazer comunicado às universidades de Arqueologia do país, cedendo o espaço CIAR (alojamento) para estudantes de Arqueologia, fazendo funcionar como centro (ativo) de Investigação e Estudos Rupestres.
- i) Dinamização do Castelo da Sertã** - Criar um ciclo cultural no Castelo da sertã, sugere-se a dinamização recreativa do espaço.
- j) Reabilitação da zona histórica da sertã** – zona histórica da Sertã muito degradada, há edifícios a ruir, comprometendo a passagem de peões nas ruas envolventes. Sugere-se reabilitar e valorizar o património histórico edificado da zona histórica, de maneira a criar condições de um passeio agradável.
- k) Roteiro Turístico** – sugere-se a elaboração de um roteiro turístico da região, de maneira a integrar a oferta regional, no âmbito dos recursos turísticos naturais e históricos. Fazer alusão à Nacional 2.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo verificar a influência do turismo no desenvolvimento local do concelho da Sertã e, desta maneira, pensou-se em identificar a importância que a atividade turística detém em destinos de interior e, por conseguinte, averiguar a temática do turismo cultural como indutor de maior afluência turística, de forma, a garantir um planeamento adaptado à realidade do local e na premissa de articulá-lo com os recursos naturais transformados em produtos turísticos, numa intenção sustentável e promissora. Como tal, na revisão do quadro da literatura, no turismo sustentável de base territorial, apresentou-se a evolução do desenvolvimento local ao longo dos tempos e o valor que testemunha nas sociedades da atualidade. Foi explanada a relevância da Agenda 21 Local, como documento orientador para um planeamento a longo prazo e o turismo cultural surge como impulsionador de uma dinâmica auspiciosa destas regiões, como o estímulo associado ao património natural, de maneira a constituir um leque de oferta, variado e diversificado. Como refere Rita e Mergulhão (1997: 39) “o aproveitamento simultâneo de um conjunto de recursos trará para as regiões maiores benefícios do que o aproveitamento de cada um dos recursos *de per si*”.

É sabido que em destinos de interior várias são as oportunidades e vários são os desafios. Ora, no leque das oportunidades destacam-se, as alterações de novos padrões de consumo e motivações no mercado turístico (experiências diversificadas, autênticas e de elevado grau de qualidade ambiental) assim como a nova delimitação geográfica do turismo do centro. No leque dos desafios apontam-se, o possível decréscimo de competitividade regional face a outros destinos bem como a dificuldade de afirmação das regiões do interior nos principais mercados internacionais. (Turismo Portugal, 2016)

Assim sendo, apurou-se do estudo empírico realizado: (i) que o turismo em muito influencia toda a dinâmica de desenvolvimento local no concelho da Sertã e que embora lento e a médio prazo, tem a promessa de se articular com a comunidade, promovendo o bem-estar e equidade social, económica e ambiental; (ii) que a Autarquia Local, no que concerne ao estímulo do DL entre operadores e Autarquia,

tem sido insuficiente, sendo este processo, garantido e efetivado pelos próprios operadores, natural e solidariamente, ajustando os seus interesses numa máxima de desenvolvimento local colaborativo. Ao contrário do que é defendido pela literatura, que atribui responsabilidades de promoção e desenvolvimento dos destinos às autarquias locais.

“(…) cada vez mais, são os órgãos públicos (governo, órgãos locais e regionais) que assumem a realização de campanhas de promoção do turismo doméstico com o objetivo de estimular os residentes a viajar internamente e de reduzir o número de viagens ao estrangeiro”. (Cunha & Abrantes, 2013: 423)

Neste contexto, no que diz respeito a implicações práticas do trabalho realizado, descortina-se a necessidade de alterar o Plano Diretor Municipal (PDM), já que é o flagelo sazonal dos fogos florestais que é apontado como a maior ameaça para a Sertã enquanto destino turístico. Ao mesmo tempo, que se alerta para a operacionalização efetiva do Plano Estratégico municipal da Sertã, constatando-se a “cada vez mais clara necessidade de uma abordagem multidimensional que equilibre interesses económicos e a conservação dos recursos, numa perspetiva de sustentabilidade económica e ambiental” (GENTIN-UA, 2015).

Simultaneamente, o turismo cultural é apontado como o tipo de turismo a desenvolver no concelho, sugerindo-se maior valorização do património edificado, bem como a criação de uma rota religiosa e atribuição de importância às tradições e costumes locais, como axioma de identidade diferenciada, assegurando-se, assim, a memória do lugar. Para tal, é necessária a articulação da paisagem com o património histórico, com as pessoas, com os costumes e com o produto endógeno do local. Para corroborar esta afirmação, Santos, Cravidão e Cunha (2010 :14) mencionam que “a paisagem está continuamente presente nas interpretações que foram feitas do espaço e é a forte interação entre as características físicas e a intervenção do ser humano que lhe dá real expressão”

O concelho da Sertã, na localização territorial estratégica que a sua área compõe e na emergência de maximizar o seu potencial com o intuito de fomentar a união entre turismo e desenvolvimento local numa perspetiva sustentável, deve, portanto, apoiar

a criação de sinergias intermunicipais criando redes e parcerias com os concelhos vizinhos, de maneira a incentivar o produto local, como marca identitária. Isto é, criar uma marca regional, tal como a região do Douro, que promove o todo ao invés das partes.

Por fim, é importante referir que foram sentidas algumas dificuldades ao longo do desenvolvimento do estudo, nomeadamente, no que diz respeito a constrangimentos de tempo. Este constrangimento conduziu, por sua vez a algumas limitações no âmbito da amostra e da análise de conteúdo realizada. No entanto, considerando que o estudo da influência do turismo no desenvolvimento local de destinos de interior é uma temática com pouca investigação nacional, considera-se que estas limitações constituem desafios para o futuro, sugerindo-se a realização de novos estudos, mais abrangentes e com aplicabilidade a vários destinos, nacionais e internacionais, permitindo a recolha de mais e melhores dados para análises mais aprofundadas, comparativas e longitudinais.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, I. & Abranja, N. (2009). Turismo e sustentabilidade. *COGITUR*, 2, 15-31

Amaro, R. (2004). Desenvolvimento – Um conceito ultrapassado ou em renovação? – Da teoria à prática e da prática à teoria, *Cadernos de estudos Africanos*. 4, 35 –70

Amaro, R. (2001). O conceito de desenvolvimento local no quadro da revisão do conceito de desenvolvimento. In *Desenvolver (Des) envolvendo – reflexões e pistas para o desenvolvimento local* (pp. 155-169). Messejana: ESDIME – Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste

Baptista, A. (1985). Mobilização do potencial endógeno de desenvolvimento, *Revista de Investigação Urbana e Regional*. 2 (4), 24-26

Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.

Câmara Municipal da Sertã. (2018). Site: <http://cm-serta.pt/>

Câmara Municipal da Sertã. (2017). Caraterização geográfica. Retrieved from <http://cm-serta.pt/index.php/m2-caract-territorio/124-caracterizacao-territorio/403-caracterizacao-geografica>

Câmara Municipal da Sertã. (2018, março 19). Portal da Câmara Municipal da Sertã. PEMS. Plano estratégico municipal da Sertã 2015 - relatório final. Retrieved from [http://cm-serta.pt/images/Camara\\_Municipal/PEMS\\_Relatorio-final.pdf](http://cm-serta.pt/images/Camara_Municipal/PEMS_Relatorio-final.pdf)

Câmara Municipal da Sertã (2018, janeiro 25). Portal da Câmara Municipal da Sertã; Agenda 21 Local da Sertã, 2004 . Retrieved from <http://cm-serta.pt/index.php/pt/component/content/article/126-transparencia/518-planos-relatorios-cms?highlight=WyJhZ2VuZGEiLDIxLCJhZ2VuZGEgMjEiXQ==>

Campos, M. R. (Abril, 2006). O museu: do edifício ao território. *II Jornadas internacionais vestígios do passado, 21-22 abril de 2006* (pp. 237-247). Miranda do Douro:AGIR

Campos, M. R. (2010). *Recriações históricas no contexto do turismo cultural: Actas das II Jornadas Internacionais de Turismo*. Maia: Instituto Universitário

Careto, H. & Lima, S. (2006). *Turismo e Desenvolvimento Sustentável- 1*. Lisboa: GEOTA. ISBN: 978-972-8898-00-7

Carmo, H. & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação – Guia para auto-aprendizagem*. (2º ed.). Lisboa: Universidade Aberta. ISBN: 978-972-674-231-9

Carvalho, J. E. (2011). *Gestão de empresas – Princípios fundamentais*. (2º ed.). Lisboa: Sílabo. ISBN: 978972-618-646-5

Carvalho, N. (2009). Desenvolvimento Local Sustentável - A Agenda 21 Local como instrumento de política privilegiado para a sua implementação. *Barlia*. 5, 79-94

Carvalho, N. (2007). Da emergência do problema ambiental à emergência do ambiente na sociologia. *Barlia*. 3/4, 7-17

Cisne, R. & Gastal, S.(2010). Turismo e sua história: Rediscutindo periodizações. *SeminTUR - Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL - Saberes e fazeres no turismo de 9 e 10 de julho de 2010*. Caxias do Sul, RS Brasil: Universidade de Caxias do Sul

Confederação do Turismo Português. (2005). *Reinventando o Turismo em Portugal – Estratégia de Desenvolvimento Turístico Português no 1º Cartel do Século XXI*, Lisboa: SaeR

Cunha L. & Abrantes A. (2013). *Introdução ao Turismo*. Lisboa: LIDEL. ISBN: 978-972-757-951-8

Domingos, S. (2011). Dos modelos de desenvolvimento local aos projectos de animação cultural: conceitos, dimensões e desafios. *I Jornadas de Animação Cultural: Que desafios*, 7 e 8 de abril de 2011. (pp 1-29). Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico

Estevão, C. & Ferreira, J. J. (2015) *A competitividade no setor do turismo: contributos, desafios e implicações*. Porto: Idioteque. ISBN: 978-989-98869-7-1

Figueira, V. & Dias, R. (2011). *A Responsabilidade Social no Turismo*. Lisboa: Escolar Editora

Fonseca, M. (2014). *O papel da agenda 21 local na promoção da sustentabilidade: o caso do município de alfândega da fé* (Unpublished master's thesis). Instituto Politécnico de Bragança. Bragança

Gonçalves, A.R. (2009). O museu como pólo de atração turística. *Exedra*. 5, 77-118

INE. (2018, junho 15). Portal do Instituto Nacional de Estatística. Retrieved from <http://www.ine.pt/>

ICOMOS. (1999). Carta internacional sobre o turismo cultural, 17 a 23 de outubro de 1999. (pp.1-6). Cidade do México

Kastenholz, Eusébio & Figueiredo. (2014). *Reinventar o turismo em Portugal*. Aveiro: UA editora. ISBN:978-972-789-395-9

Languar, R. & Hollier, R. (1996). *Le Marketing Touristique*. (5° ed.). França: QUE SAIS-JE

Madeira, N. (2010). *Marketing e Comercialização de Produtos e Destinos*. Porto: Principia Editora

Martins, N. & Costa, C. (2009). Património, paisagens culturais, turismo, lazer e desenvolvimento sustentável. Parques temáticos vs parques patrimoniais. *Exedra*. 4, 51-76

Marujo, N. (2014). A cultura, o turismo e o turista: que relação? *Revista de investigación en turismo y desarrollo local*. 7, (16), 1-12

Matias, A. & Sardinha, R. (2008). *Avanços em Economia e Gestão do Turismo – Novas Tendências, Sustentabilidade e Desenvolvimento Regional*. Lisboa: Instituto Piaget

Médio Tejo. Net. (2018, fevereiro, 6). Portal da Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo. Retrieved from <http://www.medioitejo.net/serta-festival-de-gastronomia-do-maranho-esta-de-volta-e-provar-para-aprovar/>

Melo, A. (1998). Ditos e Reditos em Torno do Desenvolvimento Local in A Rede para o Desenvolvimento Local. *IN LOCO*. 5-8.

Morais, C. (2013). *Investigação: Do problema aos resultados*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança. DOI: 10.13140/RG.2.1.2846.9927.

Nabais, A. J. C. M. (1993). Nova museologia – Novas práticas museológicas, *Vértice*, 54, 46-50

Oliveira, G. (2002). Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. *FAE*. 5, (2), 35- 48

Pimentel, T. & Pimentel, M. (2015). Rural, ruralidade e turismo: noções e práticas contemporâneas. *El Periplo Sustentable*. 29, 120-143

PORDATA. (2018, maio 24) Portal de Base de Dados de Portugal Contemporâneo. Retrieved from <https://www.pordata.pt/Municipios/Dormidas+nos+estabelecimentos+hoteleiros+por+100+habitantes-761>

Publituris (2018). Portal da Revista Publituris. Retrieved from <https://www.publituris.pt/2011/05/10/destinos-turisticos-devem-aproveitar-os-seus-recursos-locais/>

Rádio Condestável. (2018) Portal da Rádio Condestável. Retrieved from <http://www.radiocondestavel.pt>

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. (2 ed.). Lisboa: Gradiva.

Reis, P. (2012). Desenvolvimento local: o binómio turismo/áreas rurais nas estratégias de desenvolvimento local. *Exedra*. 6, 155-172

Ribeiro, M. (2001). Oportunidades empresariais no sector do turismo em regiões do interior de Portugal. *Gestão e desenvolvimento*. 10, (III), 319-332

Richards, G. (2009). *The Impact of Culture on Tourism*. Paris: OECD

Richards, G. (1996). *Cultural Tourism in Europe*. Wallingford: CAB INTERNATIONAL

Rita, J. & Mergulhão, L. (1997) Desenvolvimento local em meio rural: que possibilidades?. *ECONOMIA E SOCIOLOGIA*. 63, 31-42

Ruschmann, D. & Rosa, R. (2006). A sustentabilidade como estratégia de desenvolvimento em empreendimentos turísticos – O caso da ilha de Porto Belo. *IV SeminTUR - Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, 7 e 8 de julho de 2006*. Caxias do Sul, RS Brasil: Universidade do Vale do Itajaí

SaeR – Sociedade de Avaliação Estratégica e Risco, LDA. (2018, maio, 7). Retrieved from <http://www.saer.pt>

Sampaio, F. (2009). A gastronomia como produto turístico. *Exedra*. 6, 119-134

Santos, D. (2011) Dos modelos de desenvolvimento local aos projectos de animação cultural: conceitos, dimensões e desafios. *I Jornadas de Animação Cultural: que desafios, 7-8 de abril de 2011*. Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico

Santos, N. Cravidão, F. & Cunha, L. (2010). Eixo 3- Espaço Turístico e Meio ambiente Natureza, paisagens culturais e os produtos turísticos associados ao território. *Actas - 4º Congresso Latino Americano de Investigação Turística: 22 a 24 setembro de 2010* (pp. 1- 26). Montevideo

Silva, E. P. (2000). Património e identidade. Os desafios do turismo cultural. *Antropológicas*. 4, 217-224

Silva, F. A. S. (2013). *Turismo na natureza como base do desenvolvimento turístico responsável nos Açores*. (Doctoral dissertation, Universidade de Lisboa). Retrieved from <https://www.ulisboa.pt/>

Simão, J. P. R. V. (2009). *Turismo como Motor de Desenvolvimento Local: o caso do Vale do Tua* (master's thesis, Universidade Nova de Lisboa). Retrieved from [www.unl.pt/](http://www.unl.pt/)

Scótoló, D. & Netto, A. (2015). Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. *Cultur*. 1, 36-59

Tavares, M. C. C. (2009). *Desenvolvimento sustentável e agenda 21 local: estudo Exploratório* (master's thesis, Universidade de Aveiro). Retrieved from <https://www.ua.pt/>

Turismo de Portugal (2016). *Documentos estratégicos. Legislação. RIS3 do Centro de Portugal. Estratégia de Investigação e Inovação para uma Especialização Inteligente*. Retrieved from <https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/EstrategiasEInteligente/EREI%20Centro.pdf>

Visão.Sapo. (2017). Portal da Revista Visão. Sapo Online. Retrieved from <http://visao.sapo.pt/coracao-no-centro-de-portugal/2017-07-26-O-Centro-perto-de-tudo>

Vitorino, A. C. S. (2017). *A Experiência Gastronómica em Turismo e a sua Relação com a Hospitalidade no Meio Rural: Caso de Estudo – Concelho da Sertã* (master's thesis, Instituto Politécnico de Tomar). Retrieved from [www.ipt.pt/](http://www.ipt.pt/)

Wolf, J. H. (2013). *Desafios Demográficos no Interior Português* (master's thesis, Universidade de Aveiro). Retrieved from <https://www.ua.pt/>

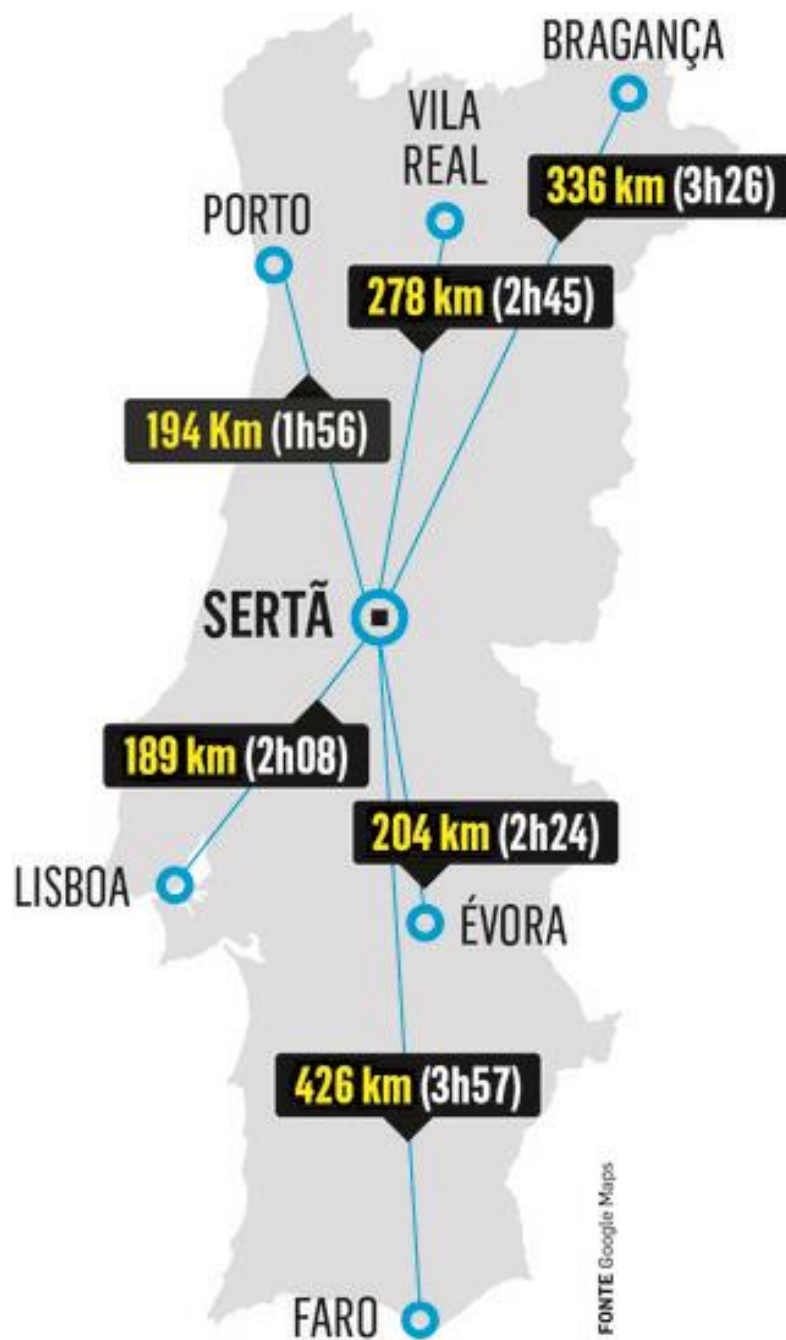




**ANEXOS**

## ANEXO I

Mapa de Portugal – relação de distâncias – Sertã/principais cidades



**ANEXO II**

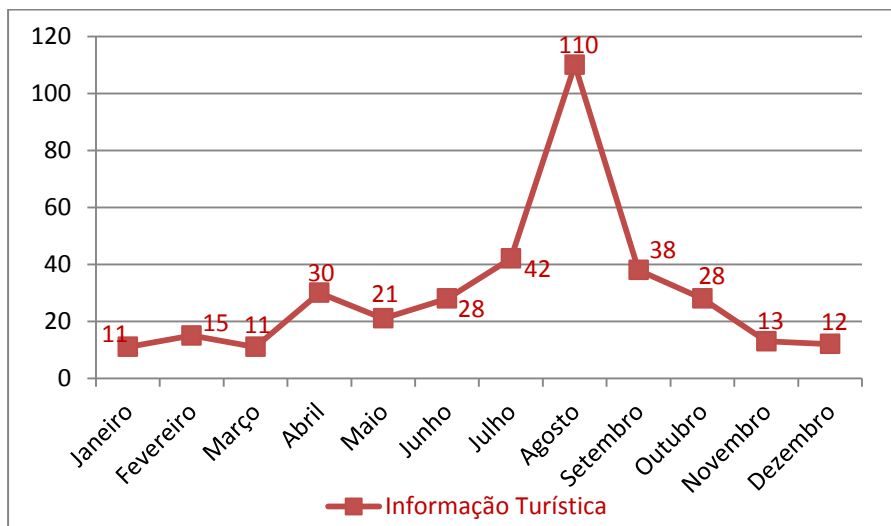
Distância e tempo necessário para deslocação à Sertã de algumas regiões de Portugal e Espanha.

<b>Origem</b>	<b>Distância</b>	<b>Tempo de viagem</b>
Lisboa	189km	2h
Porto	195km	1h50m
Coimbra	79km	57m
Castelo Branco	65km	45m
Tomar	50km	50m
Algarve	425km	3h50m
Badajoz (Espanha)	169km	2h
Madrid (Espanha)	455km	4h30m

Fonte: CMS, 2018

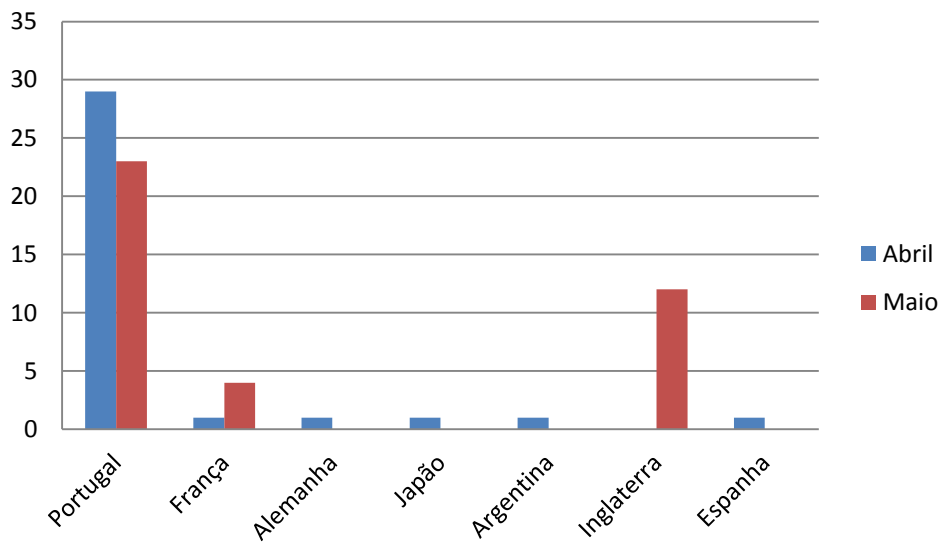
**ANEXO III**

Gráficos de Informação Turística



**Gráfico 1** – Informação Turística\_Sertã, 2010

Fonte: CMS, 2018



**Gráfico 2**– Informação Turística\_Sertã - abril e maio 2011

Fonte: CMS, 2018

## ANEXO IV

### A Lenda da Celinda

“Segundo a lenda, o **castelo da Sertã** terá sido edificado em 74 a.C. por Quinto Sertório, general romano, que foi exilado por razões políticas. Veio para a Península Ibérica por volta do ano 80 a.C. e aliou-se aos Lusitanos após estes lhe terem prometido o seu apoio e o terem convidado a ser seu líder.

Nas lutas ocorridas na conquista da Lusitânia, houve um ataque romano ao castelo, durante o qual o chefe do castelo faleceu dando lugar a uma lenda ligada à origem do nome desta vila.



Ela conta-nos a bravura de **Celinda**, esposa do chefe do castelo, perante um dos ataques romanos. Conhecendo a infausta notícia da morte do marido, quando dentro do castelo fritava ovos numa sertage [frigideira quadrada], e sabendo da aproximação dos inimigos das muralhas, subiu às ameias e com este utensílio cheio de azeite fervente despejou-o sobre os atacantes para defender o castelo e vingar a morte do marido.

Atuando dessa forma obrigou-os a recuar, impedindo-os de entrar até que chegasse o indispensável reforço dos lugares vizinhos. Para memória de tão inaudita façanha se deu o nome à vila que, até então, tinha um nome desconhecido” (CMS, 2018).

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE I

## Capacidade de alojamento - concelho da Sertã

NOME	CATEGORIA	NºQUARTOS	Nº DE CAMAS
Hotel Lar Verde	H3*	25	49
Hotel da Montanha	H4*	73	150
Convento Hotel da Sertã	H4*	25	30
Residencial D.Nuno	AL	12	20
Quinta de StªTeresinha	TH	5	7
Quinta Casal Maio	AL	6	6
Albergue Bonjardim	TH	6	15
Vila Maior	CC	5	14
A Casa do Tio Tenente	TH	6	7
Casal da Cortiçada	TH	5	5
Casa do Açude	AL	5	14
Casa do Padre	CC	8	10
Juícy Oasis	AL	24	54

TOTAL: 381

**H3**- Hotel de 3 estrelas; **H4**- Hotel de 4 estrelas; **TH**-Turismo de Habitação; **CC**\_Casa de Campo;

**AL**-Alojamento Local;

## APÊNDICE II

### GUIÃO DE ENTREVISTA:

No âmbito do projeto de investigação para obtenção do grau de Mestre em Turismo de Interior – Educação para a Sustentabilidade da Escola Superior de Educação de Coimbra, surge a necessidade de utilizar a metodologia: entrevista. O objetivo desta investigação visa a compreensão do setor turístico do concelho da Sertã e a sua influência no desenvolvimento local. Será tido em conta os vários operadores turísticos do concelho e as suas experiências, na medida em que se espera apurar o real ponto da situação do desenvolvimento local efetivo da Sertã.

Será garantido o anonimato do entrevistado.

#### **a) Unidades Hoteleiras, Empresas de Animação Turística e restauração**

- 1 Contributo da sua atividade para o desenvolvimento local.
- 2 Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/patrimoniais).
- 3 Parcerias existentes/ potenciais parcerias.
- 4 Necessidades para o desenvolvimento do setor.
- 5 “Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense.
- 6 Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local.

#### **b) Município da Sertã**

- 1 Influência do turismo para o desenvolvimento local da Sertã.
- 2 Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/patrimoniais).
- 3 Parcerias existentes/ potenciais parcerias.
- 4 Influência do município no desenvolvimento local da Sertã.
- 5 “Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense.
- 6 Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local.

## ENTREVISTA Nº1

### RESTAURANTE A

#### 1) Contributo da sua atividade para o desenvolvimento local.

“A nossa atividade é a restauração e, no fundo a nossa função, para além de servir as pessoas e saciar-lhes a fome, temos a obrigação, digamos, de **divulgar a gastronomia**, a região e, portanto, **trazer economia para a região** e para a área”.

#### 2) Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/ patrimoniais/ gastronomia).

“Penso que, a **gastronomia** sem dúvida, obviamente os **recursos naturais**, as albufeiras que nos rodeiam e obviamente a cultura também, na área dos monumentos, alguns que temos mais relacionados com a **cultura Cristã**, o Castelo e as Pontes Filipinas, são no fundo vários patrimónios que nós temos”.

#### 3) Parcerias existentes/ potenciais parcerias.

“As nossas **parcerias**, no fundo acabam por funcionar entre nós, **entre unidades do concelho**, por exemplo, nós na restauração temos alguns hotéis que nos enviam alguns clientes e por sua vez, nós sugerimos, quando a pessoa não tem alojamento marcado, o turismo rural e algumas unidades hoteleiras do concelho. O que nós pretendemos sempre é manter as pessoas por cá o maior número de tempo para ajudar no desenvolvimento de economia das unidades como da região”.

#### 4) Necessidades para o desenvolvimento do setor.

“O turismo tem crescido na região, tem-se notado muito movimento nos últimos anos, nas necessidades penso que nos falta um pouco **mais de indústria**, temos

alguma..., mas necessitamos de mais, é polo para trazer mais pessoas ligadas a essa área e penso que a indústria é sempre uma área muito importante para nos **trazer mais pessoas e até fixá-las por cá**".

#### 5) "Estado da arte" do desenvolvimento local sertaginense.

"Na área da cultura penso que deveríamos ter mais animação e atividades fora da chamada época alta...isso traz-nos mais pessoas durante todo o ano, por exemplo, na semana passada, tivemos o evento da Baja TT, o que nos trouxe imensa gente, penso que devem **apostar em eventos durante as chamadas épocas baixas** para que tenhamos um movimento mais uniforme. Sabemos que há eventos que só têm algum sucesso se forem em época alta, mas é necessário preencher a época baixa e temos um vasto leque de situações que podiam acontecer nessas épocas".

#### 6) Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local.

"Vamos começar pelas ameaças, nós temos um vasto património florestal e sofremos um bocado na pele durante os verões, penso que as ameaças se prendem um pouco por aí, pela **perda da floresta nos incêndios**, outra ameaça pode ser também a **desertificação**, a saída de pessoas para o litoral, o que vem a acontecer há já muitos anos...essas são as principais ameaças, penso eu, no meu ponto de vista. As oportunidades, normalmente nestas situações menos positivas que têm ocorrido, muitas vezes são as **ameaças que se transformam em oportunidades**, principalmente para lançar situações que não são visíveis à primeira vista e que podem servir para desenvolver outra determinada área, isso acontece muitas vezes ao longo da vida. Eu penso que nós temos muitas condições para desenvolver o turismo na região, temos com certeza, condições para **fixar mais pessoas** e para dar mais trabalho e **mais emprego** e potenciar um bocadinho...e tornar as pessoas mais ricas, não só tem termos monetários, mas também em sabedoria, as empresas devem crescer mais um pouco e assim crescemos todos mais um bocadinho"

## ENTREVISTA Nº2

### RESTAURANTE B

#### 1) Influência do turismo para o desenvolvimento local da Sertã.

“O contributo, ora, temos sempre **carnes da região** para mostrar, o nosso forte são os grelhados, gostávamos de **ter mais vezes peixe do rio**, na nossa zona temos o **Achigã**, que na **gastronomia** é um prato típico muito procurado e nesse ponto penso que conseguimos mostrar um pouco daquilo que temos para oferecer, fugindo ao tradicional Maranho e Bucho”.

#### 2) Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/ patrimoniais/ gastronomia).

“Temos **paisagens** deslumbrantes para fazer caminhadas, temos muitos  **cursos de água** que são muito relaxantes. Em qualquer parte do concelho temos sempre contacto com a **natureza**, conseguimos ver **animais**, conseguimos ver **rios**, temos muitas **ribeiras**, as crianças podem brincar à vontade, as pessoas podem fazer **passeios de bicicleta**...acho que o nosso concelho é muito rico nessa vertente”.

#### 3) Parcerias existentes/ potenciais parcerias.

“As unidades de turismo rural conhecem o nosso trabalho e qualidade enquanto profissionais e **enviam-nos os seus hóspedes**, uma das unidades tem, durante todo o ano, muitos hóspedes estrangeiros...desde holandeses, finlandeses, alemães, vêm de muitos países da Europa e vão passando a palavra uns aos outros e acabam por nos dar algum impacto positivo. Nós também indicamos as unidades quando a pessoa não tem reserva e quer pernoitar. **Acabamos por estar todos ligados**”.

#### 4) **Necessidades para o desenvolvimento do setor.**

“Eu acho que deviam de haver **mais atividades** que ajudassem, nomeadamente a restauração, não só no verão, porque no verão, nós não precisamos, mas no inverno, atividades onde nós pudéssemos expor aquilo que nós temos, sem sermos sempre focados para a Feira do Maranhão, que é aquilo que é mais falado no verão. No inverno, por exemplo, o **peixe do rio deveria ser mais divulgado**, a **produção de carnes regionais**, porque há muita produção e que tem muita qualidade e deveriam de haver mais festivais durante o inverno. Durante o verão não precisamos de publicidade para trabalhar bem, para o inverno é que precisamos”.

#### 5) **“Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense.**

“Eu acho que está muito parado, sinceramente. Porque lá está...está tudo direcionado para o mês de julho com a Feira do Maranhão, depois do resto ninguém fala em mais nada...nós temos tigelada, temos outro tipo de gastronomia, que eu acho que até podiam agarrar para fazer outro tipo de atividades e era uma boa oportunidade para trazer mais gente ao longo do ano”.

#### 6) **Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local**

“As ameaças são **esquecerem-se dos outros produtos**, as oportunidades, era pegarem nesses produtos e fazerem atividades ao fim de semana, que é quando as pessoas podem vir, podem-se fazer várias atividades ao ar livre. Haveria de haver uma equipa que se preocupasse só com isso, para todos os fins de semana haver uma interação direta com as pessoas, porque depois as pessoas passam a palavra umas às outras e ao fim ao cabo é uma forma de desenvolver o nosso concelho que tem coisas tão bonitas”.

## **ENTREVISTA Nº3**

### **RESTAURANTE C**

#### **1) Contributo da sua atividade para o desenvolvimento local.**

“Oferecemos os **pratos mais típicos da região** e não é que chamemos pessoas por isso, mas somos o complemento para a estadia de qualquer visitante”.

#### **2) Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/ patrimoniais).**

“Os recursos naturais são os maiores motivos, ao nível do património cultural existe pouco e o que há não está bem divulgado. Penso que o motivo principal que traz pessoas à Sertã são o descanso, as paisagens, os passeios, as atividades de BTT e outras”.

#### **3) Parcerias existentes/ potenciais parcerias.**

“Não temos parceria com nenhuma empresa ou agente turístico, mas, por exemplo, quando vem alguém comer ao nosso restaurante e nos procura por dormida nós aconselhamos os lugares mais próximos e que coincida com as necessidades do visitante”.

#### **4) Necessidades para o desenvolvimento do setor.**

“O que nos temos queixado mais é com a época baixa, a época de inverno é muito fraca em relação época de verão. Sentimos pouca animação, poucos eventos e pouca dinâmica na época baixa e como a sertã é pequena tudo se reflete. No verão temos emigrantes e visitantes e existem muitas atividades e no inverno pouco se passa”.

**5) “Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense.**

“A Sertã continua a ser pequenina e com pouca população. O setor turístico tem vindo a melhorar e temos cada vez mais turistas e há um fenómeno que me deixa muito intrigado, como é que tantos estrangeiros se fixam por cá. Não sei se o resto do país é assim, mas cá é. As pessoas gostam de ficar por cá. Ao nível da economia penso que os resultados ainda são muito fracos”.

**6) Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local.**

“A sazonalidade é sempre um problema, portanto, uma ameaça. Para termos um bom serviço e boas condições no verão notamos que não é sustentável para o resto do ano. No inverno temos de fazer opções e isso é muito chato sempre. As oportunidades passam pela melhoria da divulgação da oferta regional e se nos uníssemos aos concelhos vizinhos teríamos maiores oportunidades de melhorar. Por exemplo, faziam-se rotas turísticas que passassem por todos os municípios da região...as pessoas procuram muito as praias fluviais e como a Sertã tem poucas deveríamos unir-nos a outros municípios para melhorar a oferta”.

## **ENTREVISTA N°4**

### **RESTAURANTE D**

#### **1) Contributo da sua atividade para o desenvolvimento local.**

“Contribuímos no âmbito da restauração, fazemos um serviço de excelência e trabalhamos um conselho que é procurado ao nível nacional e estrangeiro. A nossa gastronomia típica e diferenciada é um contributo ao nível do produto local”.

#### **2) Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/ patrimoniais).**

“Os recursos naturais são os motivos principais de atração turística, as nossas albufeiras, paisagens e vegetação. Temos as aldeias do xisto e as praias fluviais da zona. Penso que se deveria trabalhar mais o turismo religioso, visto termos alguns monumentos ligados ao religioso.

Outro dos motivos que atraem visitantes é a nossa gastronomia diferenciada e única”.

#### **3) Parcerias existentes/ potenciais parcerias.**

“Temos parcerias com o Hotel Convento da Sertã. Tentamos fazer pacotes que incluam dormida e refeição. Também estamos ligados às empresas de animação turística que trazem grupos aos quais servimos a refeição. No entanto, quando estamos lotados enviamos as pessoas para os restaurantes mais próximos da nossa gastronomia”.

#### **4) Necessidades para o desenvolvimento do setor.**

“Deveríamos ter um bocadinho mais de apoio do Turismo do Centro, continuo a achar que para estes, o Turismo do Centro é a Covilhã - Serra da Estrela- e de Coimbra para cima. Temos feito um trabalho muito solitário nessa área e sentimos necessidades a esse nível”.

#### **5) “Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense.**

“Ao nível do turismo natureza temos os desportos náuticos que têm contribuído para a divulgação do concelho. Temos o nosso mentor, Manuel Gião, que tem feito muito pela zona ao nível da divulgação por ser oriundo da sertã. Temos também o Pedro Couceiro e muitos mais deles, que sendo figuras públicas e tendo alguma ligação à zona promovem genuinamente.

Verifica-se um desenvolvimento local a médio prazo. Há esforço por isso, da parte dos agentes, da parte do município penso que se deveriam esforçar mais por isso”.

#### **6) Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local.**

“Ameaças...os incêndios, penso que já não constitui grande ameaça porque já ardeu quase tudo. No ano passado, 2017, foi uma situação que nos prejudicou muito. Penso que as festas de verão até altas horas constituem uma ameaça porque quem tem os alojamentos, vê os hóspedes a abandonarem o hotel a meio da noite por não suportarem o ruído. As oportunidades passam por vender não só um concelho, mas vender uma região...a ligação entre concelhos é urgente para conseguirmos vender uma região como o Douro a vende”.

## ENTREVISTA Nº5

### UNIDADE HOTELEIRA A (HOTEL\*\*\*)

#### 1) Contributo da sua atividade para o desenvolvimento local.

“Então, as pessoas precisam de dormir, ou em trabalho ou em passeio, estamos há 26 anos abertos a acolher todos os que precisam”.

#### 2) Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/patrimoniais).

“A **paisagem**, as **ribeiras**, a proximidade das **albufeiras**, o **Rio Zêzere**...e alguns monumentos. O facto de a Sertã estar situada num **centro nevrálgico de comunicações de estradas**...acho que isso atrai muita gente...com facilidade...hoje em dia, de Lisboa ou Porto, rapidamente se chega à Sertã”.

#### 3) Parcerias existentes/ potenciais parcerias.

“Como no hotel não tenho restaurante, há uma parceria com os restaurantes vizinhos, vou enviando as pessoas à medida que me pedem indicação e mediante o tipo de pedido indico o restaurante que mais se adapta. E o mesmo acontece quando as pessoas chegam a estes restaurantes e precisam de dormir”.

#### 4) Necessidades para o desenvolvimento do setor.

“É necessário que venha **mais gente**, é preciso que façam **mais eventos**, desportivos e não só. É necessária **mais divulgação** ao nível nacional, essa divulgação havia de ser melhor do que é”.

**5) “Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense.**

“Isso pertence mais à Câmara...está a fazer-se um mercado mensal...com os produtos da terra, há os percursos pedestres que também é a Câmara Municipal que tem obrigação de os manter. Durante o verão, não precisamos de grande propaganda porque as pessoas vêm de férias, não são de 15 dias, mas são de 8 dias”

**6) Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local.**

“Os **incêndios** do ano passado não sei até que ponto foram uma ameaça...estamos rodeados de uma zona verde, de pinhal...eu própria pus o nome que pus ao meu hotel porque estava rodeada de verde e infelizmente hoje anda-se 10 km e não se vê nada verde...todos os anos há incêndios, mas como no ano passado...foi demais! As oportunidades podem passar pelo **aumento de circulação da Nacional 2 (N2)**, cada vez mais esta estrada nos traz mais gente”.

## **ENTREVISTA N°6**

### **UNIDADE HOTELEIRA B (HOTEL 4\*)**

#### **1) Contributo da sua atividade para o desenvolvimento local.**

“Ora, em termos de contributo para o desenvolvimento local, posso dizer que a nossa unidade em época alta coloca cá cerca de 200 pessoas diariamente, o que é significativo, porque as pessoas não vêm para esta unidade hoteleira apenas para ficar aqui, vêm para conhecer toda a região. Vão aos restaurantes, vão conhecer as praias fluviais, fazer atividades outdoor. No nosso entender esse é o nosso contributo, não só para o turismo como também para a economia”.

#### **2) Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/ patrimoniais).**

“Eu diria, património natural, temos as praias fluviais, temos os caminhos pedestres, a gastronomia também, tanto é que temos o Festival do Maranhão...em termos de património cultural ainda não está devidamente desenvolvido”.

#### **3) Parcerias existentes/ potenciais parcerias.**

“Nós temos parcerias locais com empresas de atividade outdoor porque, ajudam-nos por exemplo na componente de Team Building com Eventos Corporate, pessoas ou empresas que venham para cá, ter algo mais e tendo o rio a passar aqui mesmo no concelho, acaba por ser uma mais-valia”.

#### **4) Necessidades para o desenvolvimento do setor.**

“Divulgação e maior entrosamento entre as unidades hoteleiras e entre este setor turístico e o próprio município”.

**5) “Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense.**

“Não é que esteja mau..., mas podia estar melhor...penso que pegando um bocadinho no património regional e religioso que temos...um vasto património no concelho...mas lá está são criadas barreiras pelo próprio município...em termos de horário, por exemplo...pessoas disponíveis para receber turistas...sendo o município a própria barreira...não é muito coerente”.

**6) Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local.**

“Ameaças...os incêndios...que nós tivemos efetivamente uma ameaça e não sabemos bem com o que contar em termos paisagísticos. Oportunidades...os recursos naturais e deve-se desenvolver o turismo religioso, o património cultural, criar uma simbiose entre as entidades...o caminho já foi aberto, criado pelo grupo de empresários...mas lá está, o município ainda não está com os olhos voltados para o turismo”.

## **ENTREVISTA N°7**

### **UNIDADE HOTELEIRA C (Hotel 4\*)**

#### **1) Contributo da sua atividade para o desenvolvimento local**

“O Turismo é hoje um dos principais vértices do crescimento económico português. O seu desenvolvimento permitiu gerar postos de trabalho, criar novas empresas e, sobretudo, inverter um ciclo negativo que se arrastava há já alguns anos. Todavia, o caminho a percorrer é ainda longo e muito está ainda por fazer, no sentido de afirmar a Sertã como um verdadeiro destino turístico.

O nosso hotel contribui com mais empregos de pessoas da região, a mão de obra qualificada é muito importante para a nossa unidade hoteleira. Damos a conhecer a região sem quaisquer barreiras geográficas.

Os nossos hóspedes contribuem de sobremaneira para a economia local, desde a visita aos restaurantes da vila, ao consumo no comércio local”.

#### **2) Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/ patrimoniais).**

“No coração de uma das regiões mais verdejantes e deslumbrantes de Portugal, o nosso hotel desfruta de um enquadramento único que permite gozar das maravilhosas paisagens que a Sertã e a Zona do Pinhal oferecem.

A nossa região tem um património natural maravilhoso, com uma beleza paisagística incrível, pontuada pelo deslumbrante curso do rio Zêzere e pelas três albufeiras situadas nos limites do concelho da Sertã (albufeiras de Cabril, Bouçã e Castelo de Bode). Na região pode descobrir as Fragas de São Simão, o Trízio, a ponte filipina de Pedrógão Pequeno, o Vale do Zêzere e o Vale da Ursa ou qualquer uma das muitas praias fluviais da região. A paisagem que se alcança dos inúmeros miradouros é imperdível.

Quanto melhor e mais diversificada a oferta maior será o tempo de estadia do visitante na nossa região. A gastronomia diferenciadora e genuína e aproveito também para destacar as **aldeias do Xisto** aqui existentes”.

### **3) Parcerias existentes/ potenciais parcerias**

“Nos passeios que elaboramos, para que o hóspede/cliente prolongue a sua estada na nossa unidade hoteleira, temos parcerias com todos os restaurantes da região, com empresas de animação turística, com a ADXTUR, o Turismo do Centro e com o Turismo de Portugal”.

### **4) Necessidades para o desenvolvimento do setor**

“Ao nível das necessidades parece-me facultativo apontá-las separadamente, isto é:

- a. Definição de uma estratégia concertada entre os municípios da região,  
para que se promova um destino com uma marca única, aproveitando as sinergias existentes e não desperdiçando recursos. Divulgar a Região do Pinhal como um todo, a par do que acontece no Gerês ou no Douro; apostar na mais-valia do rio Zêzere, “onde ainda há tempo para a calma”; nas aldeias do xisto, nas praias fluviais e numa gastronomia diferenciadora. Apostar também na comunicação da centralidade do nosso município. A ideia de que todo o país conhece a Sertã não passa de um mito, que importa desmontar, por forma a definir uma estratégia que responda também a esse problema.
- b. Manter a limpeza dos passeios pedestres. Todos estamos cientes da importância que estes percursos têm para a nossa região e para as unidades hoteleiras e de restauração. Insistimos para que se efetue uma monitorização/manutenção dos terrenos em fevereiro, também no final de junho e em meados de setembro. Estas duas últimas

intervenções serviriam apenas para garantir as perfeitas condições pedonais dos itinerários (manutenção). É importante perceber se os percursos pedestres reúnem atualmente todas as condições de segurança (e de sinalização) em virtude das zonas em que se situam terem sido duramente atingidas pelos incêndios do verão passado. Algumas unidades hoteleiras contratualizaram passeios para outubro e novembro.

- c. Um dos pontos turísticos relevantes da vila da Sertã – o castelo – continua aquém das suas potencialidades. O castelo é tratado apenas como um simples miradouro, sem outros interesses de maior, estando encerrado ao público na maior parte do ano.
- d. Criação de um roteiro das igrejas do concelho da Sertã, baseado no livro «Arte por Terras de Nun'Álvares», editado no ano passado e da autoria de Vítor Serrão e Ana Maria Farinha. Nessa obra é feita uma investigação cuidadosa e rigorosa sobre o espólio artístico dos nossos templos religiosos e acerca dos pintores e obras dos séculos XVI a XVIII existentes no município. A ideia de criar este roteiro nasceu da constatação de que os municípios desta região não são capazes de se unir e produzir uma estratégia de promoção.
- e. Estabelecer parcerias com consultores especializados que ajudem na melhoria da imagem e do Turismo da Sertã, nas suas diferentes vertentes. Por exemplo, sugerimos uma parceria com um consultor de gastronomia e fotografia.
- f. A Câmara Municipal da Sertã deve estar atenta às principais páginas dos players do mercado turístico nacional (TripAdvisor...), assegurando a introdução de fotos de qualidade do concelho, para serem visualizadas por potenciais turistas. Importa lembrar que só o TripAdvisor tem 315 milhões de utilizadores registados em todo o mundo.
- g. Sazonalidade: Repensar a calendarização dos eventos que ocorrem durante os meses de verão na Sertã, deixando o mês de julho e agosto para a afirmação de outras realidades mais populares – a Sertã é terra

de emigrantes e por isso estes meses não precisam de grandes realizações nesta época do ano. Precisa, isso sim, de pequenos eventos que provoquem ao visitante a sensação de que este é um concelho com vida e com oferta cultural

- h. O site de Turismo da autarquia continua a dispor apenas de versão em português, apesar das constantes promessas de que passaria a dispor de uma versão em inglês, o que é decisivo para a atratividade da região nos mercados internacionais. Além disso, importa notar a fraca qualidade das fotos existentes no site do Turismo e os conteúdos absolutamente vergonhosos existentes na app «Descubra a Sertã», com textos cheios de erros e informação descontextualizada. Tudo isto dá uma péssima imagem do concelho.
  - i. Envolver os municípios vizinhos na organização de eventos (Baja, do Festival de Gastronomia do Maranhão...) Este trabalho em rede e a troca de ideias entre os vários agentes é muito importante, pois, é sinónimo de mais atratividade de pessoas para toda a região e de partilha de custos, pois, todos os municípios promovem o mesmo evento. É importante ter um carácter descentralizado no tempo e em épocas baixas que ajudam a economia local, mais do que alguns certames que se realizam na chamada “época alta”.
  - j. A Câmara Municipal da Sertã deveria enviar uma *newsletter* de periodicidade semanal/mensal a dar conhecimento de todos os eventos desse período, à semelhança do que fazem outras edilidades dos concelhos vizinhos. Além disso, no início de cada ano, todas as unidades de alojamento e restauração deveriam ser informadas do plano anual de atividades relacionadas com o turismo e o desporto, nomeadamente as datas dos eventos. Tudo isto ajudaria a uma melhor planificação do trabalho das unidades de alojamento e restauração do concelho.
  - k. Produzir um guia turístico da Sertã e da região
- 5.1 Fomentar uma política de recuperação e preservação dos nossos monumentos, assegurando a sua abertura ao público e outro tipo de

iniciativas conducentes à sua valorização. O turismo não sobrevive com a péssima imagem oferecida por centros históricos velhos e abandonados, como é o caso da Sertã. Importa levar por diante a intervenção no mercado da Sertã, rua do Vale de São Pedro, artéria onde se situava a antiga Casa das Guimaraes e na Praça da República.

- l. Os espaços museológicos NuMoas e CIAR não têm horas definidas para as visitas. Não faz sentido solicitar as visitas ao turismo sempre que alguém se mostra interessado em visitar estes locais. Por exemplo, a igreja matriz poderia ser visitável aos sábados e domingos durante o período da tarde (hora a combinar com a paróquia) ou o CIAR poderia passar a ter um horário de funcionamento ao fim de semana entre as 14 e as 17 horas. Fazer uma simples promoção em flyers e entregar a cada unidade para promover estes espaços. Também não faz nenhum sentido o posto de turismo estar encerrado ao fim de semana.
- m. Recuperar o monumento do Seminário das Missões
- n. Potenciar a imagem de Nuno Alvares Pereira
- o. Necessidade de observância e respeito pela lei do ruído nas festividades populares. Por várias vezes, hóspedes e clientes das nossas unidades se têm queixado de que a música e o ruído se mantêm, em determinadas festividades, até altas horas da madrugada, não sendo assim respeitado o que está estipulado na lei.
- p. Criação da marca Sertã, consubstanciada na afirmação do Destino Sertã e na centralidade do País, orientando a oferta existente para os públicos adequados”.

##### **5) “Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense**

“A meu ver, o município não ouve os agentes turísticos, que se reuniram para dar uma carta de ideias e sugestões à autarquia. Todos os anos é um “copiar e colar” de quase todos os problemas que identificamos regularmente. Nós é que andamos no

terreno, ouvimos as pessoas e identificamos as necessidades, sem que o próprio município tenha qualquer custo em reconhecer as mesmas.

Tudo o que é feito implica morosidade. O facto de não se trabalhar em rede, é muito prejudicial para o desenvolvimento da região.

O plano estratégico da CIMT para o turismo está há mais de quatro anos em preparação e ainda não é conhecido qualquer documento de trabalho”.

#### **6) Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local**

“Das ameaças a apontar destacam-se: Zona pouco promovida e fora dos circuitos turísticos mais conhecidos, inverno frio e húmido, falta de povoamento, a sazonalidade e claro, os incêndios.

Ao nível das oportunidades temos as características naturais da região: beleza paisagística, barragem e praias fluviais e a tranquilidade associada ao turismo em espaço rural. A acrescentar ao aumento do interesse por turismo em zonas pouco conhecidas, uma alternativa ao turismo de massas. Outra das oportunidades assenta na exploração do vetor centralidade e excelentes vias de acessibilidade para quem vem dos grandes centros urbanos (Lisboa, Porto, Coimbra, Tomar)”.

## **ENTREVISTA Nº8**

### **EMPRESA DE ANIMAÇÃO TURÍSTICA A**

#### **1) Contributo da sua atividade para o desenvolvimento local.**

“É um contributo importante...uma vez que traz pessoas dos grandes centros a esta região e que potencia todos os negócios paralelos à animação turística, quer a restauração, ao alojamento e todos os outros derivados”.

#### **2) Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/ patrimoniais).**

“A gastronomia, a água, a serra, a floresta...que é um espaço natural interessante”.

#### **3) Parcerias existentes/ potenciais parcerias.**

“Temos parceria com alguns alojamentos locais e hotéis e depois temos alguns parceiros nacionais que são as agências de viagens e as agências Team Building, normalmente são agências de comunicação que depois como suplemento venda a animação turística mais no âmbito empresarial. Cabe aos municípios promoverem os territórios e não executarem atividades de animação turística...portanto, se eles promoverem os territórios...não são só parceiros da animação turística como são de todo o tecido empresarial local, quer seja ligado ao turismo ou outro...porque isso potencia riqueza e é essa a função dos municípios: a promoção dos concelhos...sem se substituírem às empresas”.

#### **4) Necessidades para o desenvolvimento do setor.**

“A promoção...por parte das entidades e não só das Câmaras Municipais, mas também das Regiões de Turismo...uma vez que este território, e falamos do pinhal interior sul que é um território que é esquecido, primeiro há ineficácia da parte os municípios na promoção e segundo há o esquecimento da promoção por parte das regiões de turismo...quer regionais, neste caso Turismo do Centro, quer pelo Turismo de Portugal...que passa tudo ao lado desta região do pinhal”.

#### **5) “Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense.**

“Não conheço os outros setores, mas no setor do turismo tem efetivamente existido alguma evolução nestes últimos anos e este tem trazido crescimento económico nesta área”.

#### **6) Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local.**

“As ameaças, voltamos ao mesmo, há territórios semelhantes ao nosso em que há uma dinâmica na promoção, muito mais arrojadas do que a nossa...isso será a grande ameaça, o público que gosta destes territórios, não conhecendo o nosso, vai efetivamente para aqueles que não perderam as oportunidades na promoção. As oportunidades...é o território que temos...essencialmente, a serra, o rio e a gastronomia, que são o nosso produto turístico, que é vendável e que é também do agrado daqueles que nos visitam”.

## **ENTREVISTA Nº9**

### **EMPRESA DE ANIMAÇÃO TURÍSTICA B**

#### **1) Contributo da sua atividade para o desenvolvimento local.**

“Ao nível dos desportos náuticos não motorizados, dispomos de canoas, gaiotas e somos concessionários de wakeboard puxado por cabo, do Cable Park...temos Bar/Restaurante, o próprio espaço também tem, no qual, não sou proprietário, mas município, passeios de barco, Ski Aquático, Boia. Deixamos as pessoas pernovernarem e acamparem no recinto (a procura é muita), dispomos de balneários com água quente, no entanto não podemos exercer a atividade de parque de campismo devido ao PDM”.

#### **2) Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/ patrimoniais).**

“Principalmente os recursos naturais, a barragem e aquela margem fantástica que nós temos. A Gastronomia é muito importante e nós fazemos mesmo questão de oferecer esse serviço. Recursos patrimoniais...neste momento temos um foco de Turismo Religioso, mas que não está devidamente trabalhado”.

#### **3) Parcerias existentes/ potenciais parcerias.**

“Não temos parceria com nenhum dos hotéis, no entanto, aconselhamos sempre os hotéis da Sertã e a Residencial de Cernache do Bonjardim, embora ainda fique um pouco longe do local onde estamos sediados. Temos parceria com o Centro Náutico Motorizado e com empresas Team Building, que vêm para o nosso espaço, que é um espaço único, chegamos a ter grupos de 180 pessoas”.

#### **4) Necessidades para o desenvolvimento do setor.**

“Existem duas necessidades de grande importância, a primeira é a alteração do PDM, que não nos permite desenvolver a nível de dormidas, sentimos uma grande carência porque as pessoas quando passam o dia no nosso espaço (no meio da natureza e um pouco afastado do centro) perguntam sempre se podem pernoitar, todos os dias nos perguntam o mesmo! A segunda necessidade...é ao nível do saneamento básico, era mesmo importante, continuamos a ter fossas sépticas”.

#### **5) “Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense.**

“A desertificação do interior, que é completamente desigual e é injusto para a economia local estar a lidar com grandes superfícies comerciais. Estou cá a 23 anos e assisti ao encerramento de praticamente 80% de lojas do comércio local porque conseguem colocar tudo só num espaço e eu acho isso completamente injusto, não deveria ser legal, com x habitantes deixarem fazer isso”.

#### **6) Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local.**

“As ameaças, são ao nível de infraestruturas, estradas, não estamos a igualar determinados municípios que têm vindo a desenvolver. Quem vem de Lisboa ou do Porto, para a sertã e Cernache sente bem, o preço do gasóleo, das portagens e esse aumento tende a diminuir o número de visitantes. A sazonalidade continua a ser uma ameaça.

As oportunidades passam pelos apoios que existem e tem de haver muita, mas mesmo muita vontade, porque neste momento para abrir um negócio é preciso muita coragem, mas ao nível do turismo há muita janela que poderá abrir e realmente, por estar tão pouco explorado...sabemos que não é da parte do Estado nem dos municípios fazer esse investimento, agora, logicamente que as pessoas têm muito receio de investir. Deve ser feito um maior investimento ao nível do Turismo Natureza e do Turismo Religioso”

## ENTREVISTA Nº10

### REPRESENTANTE DA AUTARQUIA A

#### 1) Contributo do turismo para o desenvolvimento local.

“O setor do turismo é extremamente importante, tanto no vetor económico e social, como na integração do território e sua promoção. Nem todos os vetores estão associados ao mesmo...tanto na área da restauração, hotelaria, gastronomia, património (material e imaterial), como tantos outros e sendo a Sertã, um polo de atração- por um lado pela sua área de território e centro de realidade do mesmo e por outro, também, pelas valências que tem, ao potenciar outras áreas económicas”.

#### 2) Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/ patrimoniais).

“A Sertã é conhecida pela “terra da gastronomia”, daí o Festival do Maranho ser a ligação...é o vetor mais importante e porquê? Porque a marca Maranho associa-se à Sertã – Sertã come-se bem e com qualidade. A promoção na área dos produtos endógenos, nomeadamente o Maranho, que é um dos produtos mais caraterísticos e mais marcantes, para além de todo o património que existe, mas, é certo que a **gastronomia**, a **natureza**, são o nosso ex-líbris e são as marcas mais importantes e sobrepõem-se ao património (cultural e edificado) que em termos de classificação não são tão relevantes quando isso”.

#### 3) Parcerias existentes/ potenciais parcerias.

“Existem várias, na área do turismo a Câmara Municipal tem como parceiro estratégico, a Comunidade intermunicipal Médio Tejo, a Pinhal Maior, as Aldeias do Xisto, a Grande Rota do Zêzere (associadas às Aldeias do Xisto) e a Turismo do

Centro de Portugal. Como outros parceiros, temos, na área do ensino, as escolas profissionais e o Instituto Vaz Serra (IVS) na área do Desporto Aventura”.

#### **4) Influência do município no desenvolvimento local da Sertã.**

“Aí estamos a falar em coesão, território, gestão territorial, bem...claro que o Município será o primeiro, atendendo que o Plano Diretor Municipal (PDM) é que define todas as normas do território, sendo a Câmara Municipal a responsável pela gestão desse documento, que é o documento orientador que existe, portanto, ela é que determina todo o espaço do qual gere...e tudo o que se faça ao nível do território, quer se faça bem ou mal, será sempre da exclusiva responsabilidade da autarquia, atendendo que ela condiciona ou não, de acordo com o PDM, a gestão e a rentabilização do espaço, nas diversas áreas, sejam económicas, sociais, culturais e por aí a fora”.

#### **5) “Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense.**

“O estado da arte pode ser classificado de diversas formas. Em contexto de desenvolvimento, em contexto de gestão ou do território de coesão, neste caso, na minha opinião a Sertã tem muito para crescer, tem muito para mostrar potencialidades que não são visíveis, mas para isso precisa de ter um Plano que defina qual o “design” a caminhar e depois como se vai desenvolver partindo desse “design”. A conceção e criação de algo, que vai definir todo o conceito de desenvolvimento de um território, do qual a Sertã não tem, é tudo feito de forma casual. A Sertã foi crescendo por partes e não por interação de um plano que define o seu estado, mas pelas várias partes, e a soma das partes fazem um design pouco adequado. Há muita vontade voluntariosa, mas pouco planeamento”.

**6) Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local.**

“Nas ameaças podemos apontar os fogos florestais, destrói o património e a nossa natureza que são os nossos produtos potenciais.

As oportunidades são os atores locais, como é óbvio...e depois, a panóplia de produtos endógenos.”

## **ENTREVISTA Nº11**

### **REPRESENTANTE DA AUTARQUIA B**

#### **1) Influência do turismo para o desenvolvimento local da Sertã.**

“Turismo é, basicamente o ponto essencial para divulgar a Sertã. Em termos turísticos podemos sempre apoiar a Natureza, o Turismo de Habitação, que penso que não está bem desenvolvido. Depois todos aqueles eventos que podem complementar, também fazem parte...o que eu noto realmente, é que se a Sertã for bem divulgada a nível turístico, que atraí mais pessoas, para estar e ficar no concelho. Que temos muito potencial temos...como eu costumo dizer...há concelhos que não têm nada e parece que têm tudo e a Sertã que tem tudo parece que não tem nada”.

#### **2) Motivo principal de atração turística no concelho da Sertã (recursos naturais/ patrimoniais).**

“Os principais motivos de atração turística da Sertã são realmente os recursos naturais, nós temos muita água, muitas serras, muito verde...temos a zona do Trízio...que as pessoas adoram. Depois em termos patrimoniais, temos a Celinda, que este ano vamos enaltecer a figura, temos a Igreja Matriz e tudo o que tem a ver com os Templários e o D. Nuno Alvares Pereira em Cernache do Bonjardim. Penso que estes são os motivos principais de atração...podiam estar trabalhados de outra forma...o Seminário é uma pena que não esteja”.

#### **3) Parcerias existentes/ potenciais parcerias.**

“O município da Sertã podia integrar melhor outros agentes, aliás, podia aceitar as propostas dos agentes que estão diretamente ligados ao turismo...infelizmente não

acontece...ou quando acontece é de uma forma muito mínima, penso que não dão o devido valor. Quem está no terreno é quem sabe realmente o que se passa e o que deveria mudar. Potenciais parcerias...o município acede com o Médio Tejo e com o Turismo Centro de Portugal por obrigação..., mas eu continuo a pensar que os locais é que fazem a diferença...os hotéis, os restaurantes, as empresas de animação turística...porque esses sim, lidam com os turistas. O posto de turismo não é por si só a base do turismo na Sertã...são os agentes que estão no terreno”.

#### **4) Influência do município no desenvolvimento local da Sertã.**

“O município deveria ter um papel fundamental, pelo menos para criar condições para que a Sertã desenvolvesse em termos turísticos. Tal como já referi, o papel que a CMS assume não é o ideal, nem aquele que traga mais frutos...penso que há muito trabalho para fazer e só que os técnicos apoiassem os agentes locais, acho que já seria uma boa opção”.

#### **5) “Estado da arte” do desenvolvimento local sertaginense.**

“Desde que foi implementado o Posto de Turismo algumas coisas foram feitas. Julgo que foram bem feitas...a colocação dos *totens*, junto dos monumentos, ajudou um bocadinho, as visitas guiadas também são muito importantes...mais a fazer há com certeza...continuo a dizer que a parceria entre a Câmara Municipal e os agentes locais é fundamental. Penso que se deveriam reunir, os agentes locais com os técnicos do turismo e com os decisores políticos, seria muito importante e depois é assim, muito há a fazer para desenvolver localmente a Sertã, quer em termos históricos, quer em termos patrimoniais, quer em aproveitamento dos recursos, sejam eles naturais ou não ou de outra índole. A Sertã tem tudo para ser desenvolvida e bem desenvolvida, no entanto, a questão da comunicação, até ver, não está bem resolvida, o ministro da agricultura (Luís Capoulas Santos) pronunciou-se sobre a Sertã referindo que “a Sertã tem muita “coisa”, mas infelizmente não comunica e quando comunica...comunica mal e tarde”.

## **6) Ameaças e oportunidades para o turismo e desenvolvimento local**

“Ameaças...a inércia, a falta de vontade, falta de oportunidades, falta de querer, de juntar, de acompanhar...de crescer. O que nos prejudica enquanto destino turístico é principalmente a má divulgação e má coordenação dos eventos e atividades porque cada um faz por si e sabemos que o trabalho em grupo é sempre mais proveitoso do que o trabalho individual. As oportunidades são que temos muito boas hipóteses para trazer pessoas, para oferecer, para propiciar que fiquem, nós é que não aproveitamos...pior, nós não sabemos o que havemos de fazer com tanto potencial e trabalhá-lo de forma a torná-lo atrativo. Este é principal problema...temos tanto e não sabemos como é que havemos de o promover”.